

MARIO MILANELLO

MW

MORENO E WINNICOTT

APROXIMAÇÕES

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PSICOLOGIA

SÃO PAULO

2005

MARIO MILANELLO

MW

MORENO E WINNICOTT

APROXIMAÇÕES

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica.

Orientador: **PROF. DR. ALFREDO NAFFAH NETO**

SÃO PAULO
2005

Milanello, Mario

Moreno e Winnicott- Aproximações. Mario Milanello. São Paulo, 2005.

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Departamento de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orientador Prof. Dr. Alfredo Naffah Neto.

1. Psicologia clínica. 2. Psicodrama. 3. Abordagem winnicotiana. 4. Amadurecimento/matriz de identidade.

CDD

FOLHA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Local e data: _____

*À memória de meu pai, OVÍDIO MILANELLO,
que me apresentou os livros, as estórias, o brincar e o
gosto pela leitura e a diversão.*

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação só foi possível graças a uma série de pessoas que contribuíram, direta e indiretamente, para sua realização, as quais agradeço profundamente.

À minha Família, Ovídio Milanello (*in memoriam*), Maria da Conceição Milanello e Monica Milanello

Ao meu Orientador, Prof. Dr. Alfredo Naffah Neto

Aos Terapeutas Geraldo Massaro e José Fonseca

A Moreno e Winnicott

Aos meus Pacientes

Aos colegas de Grupo de Orientação da Puc, Carlota Zilberleib, Lorene Soares, Leonardo Luiz, Judith Vero, Sonia Mansano, Dorli Kamkhagi, Ana Maria Knobel e Anayara.

Aos amigos Eduardo de Jesus, Denise Molina, Claudia Tavares,
Cecília Assumpção e Elisabete Franco Cruz

À Revisora do texto, Maria Aparecida faria Marcondes Bussolotti

Em especial à Luciana Meirelles

Ao CNPQ

*Escrever é estar no extremo de si mesmo, e quem
está assim se exercendo nessa nudez, a mais nua
que há, tem pudor de que outros vejam o que deve
haver de esgar, de tiques, de gestos falhos, de pouco
espetacular na torta visão de uma alma no pleno
estertor de criar.*

João Cabral de Melo Neto
Museu de Tudo e Depois, 1976

SUMÁRIO

RESUMO/SUMMARY	11/12	
INTRODUÇÃO	13	
1 PSICODRAMA: TEORIA DOS PAPÉIS E MATRIZ DE IDENTIDADE EM MORENO		23
UM POUCO DA HISTÓRIA DO PAI DO PSICODRAMA	24	
AS INFLUÊNCIAS NA OBRA DE MORENO: DA RELIGIÃO, DA FILOSOFIA E DO TEATRO		26
DA RELIGIÃO	26	
DA FILOSOFIA: AS INFLUÊNCIAS DE BERGSON E BUBER	30	
HENRI BERGSON (1859-1941)	30	
MARTIN BUBER (1878-1965)	31	
DO TEATRO	32	
O TEATRO DO IMPROVISO	32	
A ESPONTANEIDADE	34	
O PAPEL	36	
MATRIZ DE IDENTIDADE E TELE	38	
O ENCONTRO	45	
2 Os Estágios Iniciais Do Processo De Amadurecimento Pessoal, Em Winnicott		47
UM POUCO DA HISTÓRIA DE WINNICOTT	48	
DEPENDÊNCIA ABSOLUTA - REALIDADE SUBJETIVA - A MÃE COMO AMBIENTE		52
A INTEGRAÇÃO NO TEMPO E NO ESPAÇO	56	
PERSONALIZAÇÃO	58	
REALIZAÇÃO	59	
O INÍCIO DO CONTATO COM A REALIDADE: AS RELAÇÕES OBJETAIS	59	
DEPENDÊNCIA RELATIVA – A TRANSICIONALIDADE - O BRINCAR		60
O BRINCAR	63	
RUMO À INDEPENDÊNCIA - USO DO OBJETO - A MÃE COMO OBJETO		66
O ESTÁGIO DO CONCERNIMENTO	69	
O VERDADEIRO <i>SELF</i> E O FALSO <i>SELF</i>	71	

3 MORENO E WINNICOTT – APROXIMAÇÕES	74	
A ESPONTANEIDADE CRIATIVA (MORENO) E O GESTO ESPONTÂNEO (WINNICOTT)		75
EGO-AUXILIAR / MÃE SUFICIENTEMENTE BOA	81	
PAPEL / VERDADEIRO E FALSO <i>SELF</i>	85	
JOGO / BRINCAR	92	
4 APONTAMENTOS DE UM EXERCÍCIO - ‘PSICODRAMA DE ADOLF HITLER’		107
A PSICOSE PARA MORENO E PARA WINNICOTT	108	
A PSICOSE PARA MORENO	108	
A PSICOSE PARA WINNICOTT	113	
APONTAMENTOS DE UM EXERCÍCIO – PSICODRAMA DE ADOLF HITLER		116
5 FINAL DE PERCURSO	126	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133	
ANEXO	137	

RESUMO: Esta Dissertação de Mestrado consiste da apresentação das idéias do Psicodrama de JACOB LEVY MORENO e seus comentadores, especificamente, sobre os papéis e a matriz de identidade, e das idéias da Psicanálise de DONALD WOODS WINNICOTT e seus comentadores, sobre os estágios iniciais do processo de amadurecimento pessoal. Parte-se da hipótese de que, mesmo esses autores estando em campos teóricos distintos, é possível fazer uma aproximação de conceitos em torno de eixos, como: espontaneidade e gesto espontâneo; ego-auxiliar e mãe suficientemente boa; papel e verdadeiro/falso *self*; e jogar e brincar, respectivamente; e, com isso, enriquecer a compreensão dos processos do amadurecimento individual, contribuindo para o aprimoramento tanto teórico quanto da prática clínica. Essas aproximações de conceitos têm como intuito privilegiar mais os aspectos de convergência e complementaridade e menos os de divergência e contradições. Finalmente, é apresentado o entendimento da psicose para ambos os autores, e, utilizando-se do protocolo de atendimento de um paciente psicótico, realizado por MORENO, intitulado “Psicodrama de Adolf Hitler”, são feitos apontamentos, com fragmentos do atendimento, dos conceitos que foram anteriormente destacados. Apresenta-se o protocolo de atendimento em sua íntegra, no Anexo desta Dissertação.

PALAVRAS-CHAVE: Matriz de identidade; amadurecimento pessoal; Psicodrama; abordagem winnicottiana,

SUMMARY: *This Master Essay consists in a presentation of JACOB LEVY MORENO ideas about Psychodrama and his commentators, particularly, about Identity source and its roles, and DONALD WOODS WINNICOTT ideas, and his commentators about Psychoanalysis on initial stages of personal maturing process. At first , the hypothesis that although these authors are in distinct theoretical fields it is possible to approach both concepts in axis : spontaneity and spontaneous gesture; auxiliary-ego; ordinary devoted mother; role and true/false self; playing and joking, respectively; and so contributing to enrich comprehension of that initial stage of maturing process, contributing to perfect clinical practice. Those conceptions aim convergent and complement aspects than divergence and contradiction. Finally, a presentation of how these authors define psychosis and using a psychosis patient protocol accomplished by MORENO, titled “de Adolf Hitler Psychodrama”, notes are done , com with fragments from that protocol , about earlier detached concepts. A whole version of psychosis patient protocol is added at the end of this essay.*

KEY-WORDS: *Identity, personal maturing, psychodrama, winnicottians adressings; transicional phenomenon.*

INTRODUÇÃO

STATUS NASCENDI

Ousar é perder o equilíbrio momentaneamente.

Não ousar é perder-se.

Soren Kierkegaard

Este trabalho foi pensado a partir de meu interesse em trabalhar com temas do Psicodrama. Havia feito especialização nesta área e sentia, e ainda sinto, afinidades com a teoria de MORENO e sua prática, ou seja, com sua visão de homem transformador de sua realidade social e de si-mesmo, um homem espontâneo-criativo.

A par disso, havia o interesse crescente por estudar outros autores e linhas de psicoterapia, acreditando que o conhecimento é sempre limitado em sua perspectiva e os processos de teorização são paisagens na multiplicidade dos movimentos do humano, em que cada autor tenta, à sua maneira, contar sua viagem.

Essas paisagens apresentam-se a partir de determinados caminhos que não se repetem, no máximo, se aproximam. Quando essas paisagens são descritas, criam-se e destroem-se realidades – visões de mundo. Nessas paisagens sempre há um pano de fundo histórico e ideológico – e surgem suas técnicas para a condução do processo psicoterapêutico.

Nas aulas, os professores apresentavam os autores, em geral, psicanalistas e, todos eles, com idéias interessantes. Mas um se destacou, para mim, de modo impactante. D. W. WINNICOTT era diferente. Algo parecia dizer que suas idéias tinham a ver com MORENO, e comigo. Achava que tinham proximidades e que estas fariam aprofundar meus conhecimentos, ampliando minha capacidade para lidar com as questões da clínica.

O que de início chamou a atenção em WINNICOTT foi sua delicadeza, seu cuidado na construção de seus conceitos, sua humildade, além de sua sensibilidade para captar as nuances das conquistas do amadurecer do bebê.

Suas idéias sobre o processo de amadurecimento pessoal e, especificamente, os fenômenos transicionais, o brincar e o espaço potencial – conceitos apresentados no livro *O Brincar e a Realidade* (1975), traduzido da primeira edição inglesa e publicada em 1971–, foram as sendas que me levaram a querer fazer uma interlocução com o Psicodrama.

Havia, para mim, uma relação de proximidade com o Psicodrama de MORENO, a maneira como WINNICOTT teorizava sobre o brincar, no enunciado da seguinte tese (1975):

A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas. Em consequência, onde o brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é dirigido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que o é. (p.59)

Acreditava-se que suas idéias sobre o processo primitivo do amadurecimento pessoal – as tarefas básicas de integração no tempo e espaço; o alojamento da psique no corpo (personalização); o início do contato com a realidade (relações objetais); a constituição do si-mesmo unitário; e os fenômenos transicionais –, também, desenvolvidas por seus comentadores (DIAS, 2003; KLAUTAU, 2002), podiam contribuir para ampliar (aproximar) e, até mesmo, questionar (distanciar) as idéias de MORENO sobre a matriz de identidade

– as respostas geradas pelo indivíduo em seu ambiente de nascimento desenvolvendo sua personalidade.

Na obra de MORENO, percebe-se que suas idéias iniciais sobre as etapas da matriz de identidade — relatadas em seu livro *Psicodrama*, de 1946, na seção “Princípios da espontaneidade”, sobre o qual FONSECA (2000) comenta que, em 1944, já havia sido publicado na revista *Sociometry*, v.II, em co-autoria com FLORENCE BRIDGE MORENO —, apresentam saltos entre uma etapa e outra; e que WINNICOTT já havia esmiuçado essas passagens, podendo com sua contribuição ampliar e enriquecer o entendimento do psicodrama nesse assunto.

Percebia-se que o estudo do desenvolvimento infantil na obra de MORENO é rudimentar, opinião também do psicodramatista brasileiro FONSECA (2000).

MORENO (1975) apresenta a matriz de identidade, da seguinte forma:

- Matriz de Identidade Total, em que não há separação entre indivíduos e objetos.
- Matriz de Identidade Total Diferenciada, neste momento já existe diferenciação entre indivíduos e objetos, porém não discrimina o que experimenta e o que imagina, tudo é real.
- Matriz da Brecha entre Fantasia e Realidade, momento em que a criança discrimina essas duas realidades.

Essas etapas da matriz de identidade foram ampliadas por FONSECA, em sua obra clássica: *Psicodrama da Loucura – Correlações entre Buber e Moreno* (1980), e revisadas por ele em *Psicoterapia da Relação – Elementos do Psicodrama Contemporâneo* (2000), apresentando a seguinte contribuição

aos estágios da matriz: “Indiferenciação; Simbiose; Triangularização; Reconhecimento do Eu; Reconhecimento do Tu; Relação em Corredor; Pré-inversão de Papéis; Circularização; Inversão de Papéis; Encontro” (p.100).

Mesmo com a contribuição de FONSECA, na qual o autor modifica e amplia essas fases da matriz de identidade, de MORENO, com suas experiências pessoais e de outros autores, acredita-se que a teorização de WINNICOTT dos processos primitivos do amadurecimento pessoal ajuda no enriquecimento das teorizações e práticas dos psicodramatistas.

MORENO usou o teatro como base, fez uma crítica ao teatro tradicional onde os atores repetem literalmente o texto escrito pelo dramaturgo, e desenvolveu sua teoria e técnicas com o teatro do improviso. Isso possibilitou o aprofundamento de suas pesquisas sobre a espontaneidade e a criação do Psicodrama, a parte técnica dos processos psicoterápicos da Socionomia, isto é, o conjunto da obra de MORENO que estuda a intersecção das relações do mundo subjetivo, psicológico e social. A Socionomia considera o indivíduo pertencendo a um contexto, imerso em circunstâncias, e é dividida em três ramos relacionados entre si: a sociometria, que utiliza métodos sociométricos, principalmente o Teste Sociométrico; a sociodinâmica, que emprega a interpretação de papéis; e a sociatria que utiliza a psicoterapia de grupo, o psicodrama e o sociodrama, que guardam em comum a ação dramática como recurso para facilitar a expressão da realidade implícita das relações interpessoais, ou para a investigação e reflexão de determinado tema.

O Psicodrama e a Psicanálise winnicotiana advêm de fontes teóricas diferentes: o primeiro, da sociologia e do teatro; e o segundo, da psicanálise, contudo, acredito ser de grande valia essa aproximação.

Pretende-se, neste trabalho, relacionar os conceitos de WINNICOTT: gesto espontâneo, mãe suficientemente boa, verdadeiro e falso *self* e brincar, com os de MORENO: espontaneidade criativa, ego-auxiliar, papel e jogar, relacionando-os, ainda, com o caso clínico apresentado por MORENO (1983, p.207), de um psicótico - 'Psicodrama de Adolf Hitler'.

WINNICOTT fundamenta suas idéias em sua prática como pediatra e suas observações de bebês e mães, e como psicanalista, com os atendimentos clínicos. MORENO, por sua vez, traz toda sua experiência de seu período místico com o Hassidismo, com suas práticas com grupos variados e como psiquiatra, com os trabalhos com o teatro do improviso e da Socionomia, particularmente, com o Psicodrama. CAMILA SALLES GONÇALVES (1988) divide a obra de MORENO em momentos criativos, tais como: religioso e filosófico; sociológico e grupal; e, finalmente, em organização e consolidação de suas experiências.

A história de MORENO se confunde com o desenvolvimento do Psicodrama, diz MARTIN (1984):

Afirmamos reiteradas vezes que, sem compreender aquela primeira vivência mística, irrepetível e básica, não se poderia compreender sua teoria psicológica nem suas técnicas terapêuticas (p.80)

MORENO e WINNICOTT foram contemporâneos (1889/1974 e 1896/1971, respectivamente) e usaram a psicanálise freudiana como diálogo, ora negando-a ora transformando-a.

Nenhum destes autores, que se tenha conhecimento, cita o outro em sua obra. Para eles e seus comentadores (por exemplo, FONSECA, 2000; DIAS,

2003), os processos de desenvolvimento humano não são lineares e puros, são movimentos que vão e voltam e se mesclam, em todo acontecer humano. Como esses processos foram observados a partir de situações da clínica e/ou na observação direta de bebês, às vezes, são utilizadas as palavras bebês e crianças não tendo o rigor de delimitar as idades específicas, mas apontar que esses movimentos acontecem no início da vida, na infância (*enfant*: aquele que não fala). Entretanto, estão presentes, também, na adolescência e na vida adulta.

Tem-se o primeiro capítulo – “TEORIA DOS PAPÉIS E MATRIZ DE IDENTIDADE, EM MORENO” – centrado na história pessoal de MORENO e suas influências e práticas.

No segundo capítulo – “OS ESTÁGIOS INICIAIS DO PROCESSO DE AMADURECIMENTO PESSOAL, EM WINNICOTT” –, apresentam-se os estágios primitivos do amadurecimento pessoal, da dependência absoluta rumo à independência.

No terceiro capítulo – “MORENO E WINNICOTT: APROXIMAÇÕES” –, desenvolvem-se, aproximando-os, o eixo dos conceitos ‘espontaneidade criativa’, em MORENO, e ‘gesto espontâneo’, em WINNICOTT, e, respectivamente, papel/verdadeiro e falso *self*; ego-auxiliar/mãe suficientemente boa; e jogo/brincar.

No quarto capítulo – “APONTAMENTOS DE UM EXERCÍCIO: PSICODRAMA DE ADOLF HITLER” – utilizam-se os entendimentos de psicose e os conceitos desenvolvidos no terceiro capítulo, para compreender alguns dos elementos do atendimento de MORENO a um psicótico, aproximando-o de WINNICOTT.

Na conclusão, será comentado esse percurso e destacadas as contribuições dessas aproximações.

Este trabalho não tem o objetivo de forçar diálogos, ou dar notoriedade a um ou outro autor, mas promover a aproximação de teorias (singularidades) que, de algum modo, tentam mostrar alguns aspectos do amadurecimento humano, uma amostra temporal da nossa humanidade.

Tanto MORENO como WINNICOTT foram influenciados pela Psicanálise de FREUD, tendo o primeiro uma relação de oposição a ela. É interessante, e pode-se já inferir seu estilo, o relato que MORENO faz, em sua *Autobiografia* (apud CUSCHNIR, 1996), de um encontro rápido que teve com FREUD, após uma Conferência em 1912:

Bem, Dr. Freud, eu começo onde o senhor termina. O senhor conhece as pessoas no ambiente artificial do seu consultório. Eu as conheço nas ruas e em suas casa, no seu ambiente natural. O senhor analisa seus sonhos. Eu lhes dou coragem para sonhar de novo. O senhor os analisa e os faz em pedaços. Eu os faço atuar seus papéis conflitantes e os ajudo a reunir seus pedaços. (p.75)

WINNICOTT com sua extensa obra demonstrou a importância do ambiente para as conquistas precoces do início da vida do bebê, tanto para a compreensão do amadurecer emocional saudável quanto para o adoecer da psicose.

Reconhece as influências recebidas de FREUD e MELANIE KLEIN, como muito importantes para o desenvolvimento de suas idéias, inclusive diz con-

cordar com tudo que FREUD observou a partir do complexo de Édipo, e num de seus textos sobre a localização da experiência cultural (1975) afirma ser impossível ser original sem se apoiar na tradição, e que os adultos amadurecidos levam vitalidade para o que é antigo e ortodoxo, recriando-o após destruí-lo, numa dialética de separação e união (p.138).

Nesse percurso estarei satisfeito se conseguir *aproximar* o vigor do Psicodrama com a delicadeza da Psicanálise winnicottiana, como ferramentas para a clínica.

Aproximar: 1º *por próximo; tornar próximo; chegar; avizinhar;* 2º *fazer com que (alguma coisa ou alguém) pareça estar perto ou mais perto.* 3º *estabelecer relações entre; relacionar; unir; ligar.* 4º *pôr (idéias, fatos, coisas) em paralelo; relacionar; comparar.* (Aurélio, 2004)

1 PSICODRAMA: TEORIA DOS PAPÉIS E MATRIZ DE IDENTIDADE EM MORENO

Todo mundo é um palco,
E todos, homens e mulheres, meros atores,
Eles têm suas saídas e suas entradas
E um homem, durante sua vida, representa muitos papéis.
SHAKESPEARE

O Psicodrama é uma parte de uma construção muito mais ampla, criada por JACOB LEVY MORENO, a Socionomia. Na verdade, a denominação da parte, o Psicodrama, foi estendida para o todo e quando as pessoas usam o termo Psicodrama estão, geralmente, se referindo à Socionomia.

Segundo MORENO (1978), a socionomia é a ciência das leis sociais e das relações, sendo caracterizada fundamentalmente por seu foco na intersecção do mundo subjetivo, psicológico e do mundo objetivo, social, contextualizando o indivíduo em relação às suas circunstâncias. Divide-se em três ramos: a Sociometria, a Sociodinâmica e a Sociatria, que guardam em comum a ação dramática como recurso para facilitar a expressão da realidade implícita nas relações interpessoais, ou para a investigação e reflexão sobre determinado tema. Diz MORENO:

Os ramos do sistema estão estreitamente relacionados entre si, e cada um deles possui uma série de métodos. A *sociometria* utiliza métodos sociométricos, principalmente o Teste Sociométrico e o Teste Sociométrico de Percepção. A *sociodinâmica* emprega a interpretação de papéis. A *sociatria* utiliza, principalmente, a psicoterapia de grupo, o psicodrama e o sociodrama. (1999, p.33)

E sobre o Psicodrama, diz (1978): “Drama é uma palavra grega que significa ‘ação’ (ou uma coisa feita). Portanto o psicodrama pode ser definido como a ciência que explora a ‘verdade’ por métodos dramáticos’ (p.17).

UM POUCO DA HISTÓRIA DO PAI DO PSICODRAMA

JACOB LEVY MORENO nasceu em Bucareste, Romênia em 1889. Conta em sua *Autobiografia* que quando tinha um ano foi acometido de uma longa doença: o raquitismo. Perdeu muito peso, as pernas e os pés se deformaram e ele não podia andar. Um dia, sua mãe estava deitando-o no quintal e uma velha cigana que passava perguntou o que estava acontecendo com a criança. A mãe falou sobre a doença e a cigana disse: “O dia virá, no futuro ele será um grande homem. Gente do mundo todo virá vê-lo. Ele será um homem sábio e bondoso”(1997, p.25).

Aos quatro anos brinca de “Deus e os anjos” com outras crianças. Colocaram cadeiras empilhadas sobre uma mesa. MORENO subiu e as crianças dizem: “Por que você não voa?” Caiu e quebrou o braço direito.

Ele nos conta que foi o Psicodrama do “Deus derrubado”, a primeira sessão psicodramática particular que conduziu. Foi ao mesmo tempo diretor e protagonista.

Com dezenove anos começa a se reunir com crianças num parque de Viena, para brincar de improvisar e contar histórias. Realizou esse trabalho durante três anos, entre 1908 e 1911. O manejo das técnicas grupais daria origem à Psicoterapia de Grupo, à Sociometria e ao Psicodrama. Nos dizeres

do autor: “Foi no meu trabalho com as crianças que minhas teorias da espontaneidade e criatividade se cristalizaram” (p.51).

Funda a Religião do Encontro entre 1908 e 1914. Ele e mais quatro amigos deixam a família e vão ao encontro das comunidades para compartilhar, amor, doação e solidariedade. Não tinham nomes e eram reconhecidos pelas barbas e pela abordagem alegre, humana e calorosa.

Em 1909, ingressa na Faculdade de Medicina de Viena. Entre 1913 e 1917 viria a trabalhar com grupos bem diversos, a fim de ajudar aos necessitados, praticando junto com seu grupo a “filosofia do encontro”.

Um deles foi com prostitutas. Acompanhado de outros dois voluntários, um médico especialista em doenças venéreas e um editor de jornal, tinha a intenção de fornecer às mulheres instrumentos para que pudessem apoiar-se mutuamente, inclusive em seu aspecto psicológico. No relato de MORENO, esse foi um dos primeiros esforços empreendidos por ele para aplicar a terapia de grupo. O futuro psicodramatista trabalhou também com refugiados tirolezes. Estava a serviço do Governo, como estudante de medicina com considerável experiência clínica. No campo com mais de dez mil refugiados, MORENO observou interações grupais e suas dinâmicas.

O fato é que MORENO viveu em Viena durante a “época de ouro” (1895-1920), período em que ela foi uma das capitais culturais do mundo, se aproximando de intelectuais, escritores e filósofos da cidade.

Em 1917, editou uma revista literária, *Daimon*, principal periódico existencialista e expressionista daquela época. Nela apareceram alguns dos

primeiros trabalhos de FRANZ KAFKA, do teólogo/filósofo MARTIN BUBER, e do filósofo MAX SCHELER, entre outros.

Em 1925, com 36 anos, emigra para os Estados Unidos da América. De 1930 a 1933 trabalha na prisão de Sing-Sing, e através de entrevistas e questionários procura definir algumas variáveis de natureza social, cultural e psicológica presentes no grupo, procurando estabelecer uma nova organização dos prisioneiros. Dedicou-se à reeducação na “New York States Training School of Girl” em Hudson, desenvolvendo e colocando em prática seus conhecimentos em sociometria.

Em 1936 /1937, aos 47 anos, inaugura o sanatório de Beacon Hill e o teatro de Psicodrama, local de formação de psicodramatistas do mundo todo.

Em 1974, em 14 de maio de 1974, aos 85 anos morre em casa em Beacon, Nova York. Teve dois filhos, Regina e Jonathan, em casamentos diferentes.

AS INFLUÊNCIAS NA OBRA DE MORENO: DA RELIGIÃO, DA FILOSOFIA E DO TEATRO

DA RELIGIÃO

A obra de MORENO recebeu forte influência do Hassidismo, corrente religiosa nascida nos guetos poloneses, para proporcionar aos judeus conforto para as dificuldades e sofrimentos do destino. O Hassidismo criticava a relação vertical com Deus, que os rabinos pregavam e buscava trazer Deus para a Terra, encarnado em cada um. Ele estaria em todas as coisas do

mundo. A ênfase dessa corrente religiosa recaía sobre a piedade, o amor, a harmonia, a beleza, a alegria de viver, a humildade. Ao homem caberia descobrir a sua individualidade e trazê-la à perfeição. A comunicação era valorizada de maneira especial, assim como a vida em comunidade.

No dizer de FONSECA, psicodramatista brasileiro:

O Hassidismo é ativo, dinâmico, otimista, espontâneo. Acredita no homem e em suas exteriorizações. Sempre existe a perspectiva da liberação de centelhas divinas. O mundo é belo e harmônico para quem souber viver. O corpo é incluído nas orações, através da música da dança. O que vale é o encontro com o Mundo e com os semelhantes. Assim se chega a Deus. (1980, p 71)

MORENO queria ser um profeta. Era estudioso da Cabala, movimento místico judaico. Lia os vários filósofos que estavam em voga naquele momento de sua juventude, tais como: SPINOZA, DESCARTES, LEIBNITZ, KANT, FICHTE, HEGEL, MARX, SCHOPENHAUER E NIETZSCHE. Diz ele em *Autobiografia*:

Aos 18 anos, eu queria não só me tornar um profeta, mas também parecer um profeta. Que cresça a barba é inevitável para um adolescente de quase 18 anos, mas o fato de não me barbear era um marco importante de rompimento com a normalidade através da barba. Eu mostrava a importância da não-interferência, na espontaneidade sadia do corpo. A natureza devia seguir seu curso livremente. (1997, p.45)

Foi imbuído dessa mística que MORENO se reunia nos jardins de Viena com grupos de crianças e brincava de improvisar e contar histórias. Essas experiências com crianças foram aprofundando suas convicções a respeito da espontaneidade. Cada vez mais foi agindo para romper com os estereótipos sociais, que mais tarde iria denominar de conservas culturais, o produto acabado de um processo criativo. Além, é claro, de continuar sua missão de brincar de Deus, de desempenhar seu papel, *Godplaying*, conforme diz (1997):

Por trás da cena de contar histórias de fadas às crianças, eu estava tentando plantar as sementes de uma diminuta revolução criativa. Isso carregava um duplo significado. Era um teste de idéia do Deus vivo dentro da estrutura de nossa civilização moderna, não em comparativa segurança fora dela, como nos desertos da África ou nas planícies da Índia. Era meu intento ser um santo lutador, não um recluso. (p.52)

A única forma de livrar-se da síndrome de Deus é desempenhando-a. (p.53)

Ele observava nas crianças a fome de atos, sua curiosidade, a afirmação da vida, e como se apegavam às coisas, com alegria e a tristeza, enfim, de maneira espontânea diante do mundo. No contato com o adulto, percebia nas crianças a crescente ansiedade, medo, tensão e cautela. Isso não significa que se deva só dizer sim para a criança, sem a colocação de limites, mas achava que algo na educação estava errado, que a experimentação, a criação eram freqüentemente podados pelos adultos num clima repressivo. Para MORENO, “Deus é espontaneidade. Daí o mandamento:

‘Sê espontâneo’”, escrito, em *As palavras do Pai*, seu primeiro livro com forte caráter teológico.

MORENO tinha duras críticas à psicanálise de FREUD e sua proposta científica, e as usou como contraponto no desenvolvimento de suas teorias. Cita que foi a uma palestra de FREUD em 1912, e na saída quando o psicanalista lhe pergunta, informalmente, o que ele estava fazendo, ele lhe responde:

Bem, Dr. Freud, eu começo onde o senhor termina. O senhor conhece as pessoas no ambiente artificial do seu consultório. Eu as conheço nas ruas e em suas casas, no seu ambiente natural. O senhor analisa seus sonhos. Eu lhes dou coragem para sonhar de novo. O senhor os analisa e os faz em pedaços. Eu os faço atuar os papéis e os ajudo a reunir os pedaços de novo. (1997, p.76)

Ele dizia, mais ainda, que Jesus, Buda, Sócrates e Gandhi eram os verdadeiros médicos e curadores, seu objetivo se assemelhava aos deles: a promulgação de uma nova ordem cultural e social. A chama da espontaneidade era sua busca (1978),

Tem que existir um fator com o qual a Natureza proveu generosamente o recém-nascido, e que possibilita desembarcar são e estabelecer-se, pelo menos provisoriamente, num universo desconhecido. É um fator que lhe permite ir mais além de si próprio, entrar em novas situações como se conduzisse o organismo, estimulando e excitando todos seus órgãos, para modificar suas estruturas de modo que possa enfrentar novas responsabilidades. A este fator chamamos de espontaneidade.(1978, p.101)

MORENO conta em sua *Autobiografia* que acabou escolhendo o caminho do teatro em vez de ter fundado uma seita religiosa, ou desenvolvido um sistema teológico. Tinha essa idéia fixa, o conceito de espontaneidade criadora. Era o caráter transformador das conservas culturais que o impulsionava, a idéia do Deus vivo, transformador, revolucionário.

DA FILOSOFIA: AS INFLUÊNCIAS DE BERGSON E BUBER

HENRI BERGSON (1859-1941)

Moreno teve influência de muitos filósofos, e BERGSON, filósofo francês, foi um deles. O filósofo afirmava que se deve aproximar da realidade tal como ela é, e não tal como se a representa. Ele queria chegar ao originário. Assim, revela:

Volto à visão direta das coisas, para além de todos os símbolos figurativos; desço às profundezas íntimas do ser para surpreender suas pulsações de vida, em sua qualidade pura; a sua respiração interior em seus ritmos mais secretos. (apud MARTIN, 1984, p.17)

Como a palavra *não* nos leva às coisas tais como são em si, pois são representações, BERGSON (in MARTIN,1978) propõe a intuição, o contato imediato, experiencial. Para Bergson, nessa busca da natureza “em si”, o maior impedimento vem da palavra e da ciência definitiva, que nos obriga a olhar para *si* e a olharmos em torno de nós com o olhar de outros, dos que nos precederam, dos que fizeram a linguagem, e com ela, o pensamento que divide a realidade em comportamentos estanques, estáticos e eternos. É uma

crítica aguda ao pronto, ao estabelecido, até mesmo contra a palavra. Esse pensamento se aproxima muito da idéia de conserva cultural de MORENO.

Pela intuição dirigida ao próprio “eu”, como objeto mais próximo, o filósofo chega à experiência de sua duração (*durée*) e criação. Essa duração difere da noção de tempo e espaço das ciências da natureza, onde tudo pode ser calculado. Com isso, BERGSON (in NAFFAH, 1979) faz sua crítica ao positivismo. Essa realidade só pode ser captada pela intuição, que não está a serviço da prática, mas apresenta um objeto fluente e está sempre em marcha.

Outro conceito importante de BERGSON é de uma força, o *élan vital* que dirige o evolucionismo biológico do mundo, e que o transforma em ato criador. É um agir único e indivisível, um *élan*, e um devir que não pode ser medido. Essa realidade encontra-se em princípio, em constante fluir, em movimento. Enfim, para BERGSON, “criação” significa basicamente intuição e sua expressão máxima é o misticismo, especificamente o cristão; é se sentir veículo da ação divina (p.77).

MARTIN BUBER (1878 – 1965)

O livro *EU e TU* é a obra máxima de BUBER (1979). Ele desenvolve suas idéias a partir das “palavras-princípio”, que seriam duas intencionalidades dinâmicas entre duas formas de consciência. As palavras-princípio são *Eu-Tu* e *Eu-Isso*

Para o filósofo, no “princípio” é a relação, ou diálogo, a relação essencial, o encontro. Nesse sentido o *Eu-Tu* é primordial, é a base para a

vida dialógica, enquanto o *Eu-Isso* instaura o mundo do Isso, o lugar e o suporte da experiência, do conhecimento, da utilização.

Na relação *Eu-Tu* não é necessário o “tu” ser uma pessoa, mas, qualquer ser que esteja presente no face-a-face: homem, Deus, obra de arte, pedra, flor, música, algo que proporcione uma relação de maior valor existencial. E BUBER deixa claro que o homem está entre essas dualidades de atitudes que são reversíveis, cabendo a ele a tomada de decisão de onde se posicionar. No dizer de BUBER: “Se o homem não pode viver sem o Isso, não se pode esquecer que aquele que vive só com o Isso não é homem”(1979, p.39).

Tem-se o conceito de encontro e relação, assim como o homem elevado à condição de Deus, fruto da mística Hassídica, e sua influência na obra de MORENO.

Do TEATRO

O TEATRO DO IMPROVISO

Foi também no teatro que MORENO buscou seus conceitos e exercitou sua prática. Criticava o teatro tradicional, onde os atores representavam papéis fixos, escritos pelo dramaturgo. Ele queria o homem vivo, espontâneo, e para isso era necessário não se apegar ao produto pronto e acabado de uma obra, sua conserva cultural. Ele queria que surgisse a alma do *ator* sendo o *autor* do drama que estava em processo de produção e criação, em *status nascendi*.

MORENO, a partir da crítica ao teatro convencional, funda o *Teatro do Improviso* ou *Espontâneo* (1921) que, após dois três anos de experimentação, se transforma em teatro terapêutico, o *Psicodrama*. O lugar privilegiado para experimentações estéticas ou psicológicas.

MORENO produziu uma multiplicidade de espetáculos de improviso, experimentais, inclusive o *Jornal Vivo*, no qual seus atores representavam os acontecimentos do noticiário do dia.

A passagem do *Teatro do Improviso* para o *Psicodrama* é marcada por um caso. O caso Bárbara. Bárbara era uma jovem atriz bem-sucedida em atuações, no *Teatro do Improviso*, grupo conduzido por MORENO. Representava constantemente santas, heroínas e outras criaturas ternas e românticas. Ela casou-se com um de seus admiradores, George, que contou para o diretor (MORENO) que ela em casa era “outra”: vulgar, briguenta, temperamental etc.

MORENO, atento a esse caso, solicita a Bárbara que represente papéis mais agressivos e de personagens vulgares. Ele passa a acompanhar sua melhora, por meio de informações de George. As crises ficaram mais brandas. Moreno começa a perceber que essas atuações tinham um efeito terapêutico, e que também a participação de George, na platéia, provocava no esposo, estados emocionais que o ajudavam a compreender melhor as crises da mulher. Foi o ponto de partida para a futura dramatização, no palco, com a participação dos dois. Uma semente para o desenvolvimento do *Psicodrama* e, por que não, da *Terapia de Casal*.

Este caso foi tão importante para o *psicodrama* quanto ‘Ana O’ para a *Psicanálise*. Ana O., que na verdade era Bertha Pappenheim, foi paciente de

JOSEPH BREUER que, juntamente com FREUD, estuda e desenvolve os mecanismos da histeria, fundando a Psicanálise; FREUD e BREUER publicaram em 1895 o livro *Estudos sobre a Histeria*.

Vê-se que a espontaneidade tem um caráter fundamental na teoria moreriana. O conceito mais clássico para ela é: “dar uma resposta adequada a uma situação nova ou uma nova resposta a uma situação antiga”. Essa idéia vai percorrer toda a obra de MORENO.

A ESPONTANEIDADE

A raiz da palavra espontâneo é do latim *sponte*, que significa de “livre vontade”, “do interior para o exterior”. MORENO nos diz:

(...) quando o ator no palco se encontra sem uma conserva de papel, o ator religioso sem uma conserva ritual, eles têm que improvisar, de recorrer a experiências que não estão preparadas de antemão para a sua representação mas que, pelo contrário, ainda se encontram enterradas dentro deles, numa fase informe. A fim de mobilizá-las e dar-lhes forma, necessitam de um transformador e catalisador, uma espécie de inteligência que opera no aqui e agora, a espontaneidade... (1978, p.36-7)

E mais: “A espontaneidade é o catalisador que permite ao mais profundo nível de personalidade emergir livre” (1977, p.99).

A *espontaneidade* é considerada por MORENO um catalisador que permite ao indivíduo uma abertura para a ação criativa. O contrário da

espontaneidade é o automatismo, que vem de autômato, que se refere à pessoa sem consciência, incapaz de ação própria, e que se deixa conduzir por outra pessoa.

Para MORENO, a *espontaneidade* é primária, uma força afirmativa, e neste sentido é potência criadora, ela propicia a ação, e agir é dar início ao novo, ao acontecer.

A *espontaneidade* é uma conexão com o mais íntimo da personalidade do indivíduo e possibilita o surgimento de novas experiências, gerando elementos novos para o “eu”, novos contornos para o indivíduo.

Em grego, *vida* pode significar *zoe*, que é a vida e suas formas de organização e expressa o simples fato de viver comum a todos os seres (animais, humanos e deuses), e *bios*, que é a vida como potência de variação, potência de criação de novas formas, a maneira peculiar de viver de um indivíduo ou grupo particular.

A *espontaneidade* pode ser entendida como potência de variação, uma abertura do ser. É o espaço para a criação do indeterminado, o momento de engendramento de novas formas. Na obra de MORENO é a antítese da conserva cultural, e pode-se entendê-la como afirmação da vida em sua singularidade.

Não precisa ser espetacular ou dramática, está presente também de maneira despretensiosa, e pode se mostrar na maneira de pensar, andar, encarar a natureza, dançar, ou cantar no chuveiro. Mais do que fenômeno de tudo-ou-nada – isto é, um ato que é ou não é espontâneo —, ela ocorre em grau maior ou menor, na maioria das atividades que realizamos. Mesmo nos

comportamentos relativamente habituais e automáticos pode haver uma semente de espontaneidade.

Nesse sentido, nossa vitalidade tem oportunidade de crescer a partir da espontaneidade, mais do que a partir de hábitos ou repetições, que acionamos para reorganizar relacionamentos e gerar novos eventos.

Se a *espontaneidade* é o catalisador que permite ao indivíduo responder a uma situação, no aqui-e-agora, é através dos papéis que ele se relaciona.

O PAPEL

Do Teatro e da Sociologia, Moreno pegou emprestado o conceito de *papel* e o ampliou, MORENO (1978) diz o seguinte:

O termo inglês “role” (= papel), originário de uma antiga palavra francesa que penetrou no francês e inglês medievais, deriva do latim *rotula*. Na Grécia e também na Roma Antiga, as diversas partes da representação teatral eram escritas em “rolos” e lidas pelos pontos aos atores que procuravam decorar seus respectivos “papéis”; esta fixação da palavra *role* parece ter-se perdido nos períodos mais incultos dos séculos iniciais e intermediários da Idade Média. (...) é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos. (p.27)

O papel é unidade da cultura; ego e papel estão em contínua interação(p.29)

O papel é uma cristalização final de todas as situações em uma zona especial de operações pelas quais o indivíduo passou. (p.206)

O papel pode ser definido como uma unidade de experiência sintética em que se fundiram elementos privados, sociais e culturais (p.238).

O conceito de *papel* é a forma que MORENO encontrou para apontar na ação de qualquer indivíduo elementos culturais e particulares.

Papel é a exteriorização do “eu”, a maneira que o indivíduo se relaciona com o contra-papel, o outro lado do vínculo, seu complementar. São formas de relação com o mundo e seu caráter simbólico. É interessante apontar que atrás do papel não existe o “eu”, mas outros papéis, e assim sucessivamente. Nesse sentido, o homem é um criador incessante de papéis. Então cabe ao homem produzir o ainda não nascido, que é diferente da idéia de uma identidade velada, que precisa ser descoberta. O homem se realiza na ação, no se fazer.

Papéis, em sua maioria, são contratos ou padrões sociais implícitos ou explícitos; ou seja, os *papéis* se relacionam com outros *papéis*.

MORENO descreve o indivíduo sempre na relação e não o indivíduo isolado. Um “eu individual” é uma mera abstração. Ele entende a psicologia individual sempre como uma psicologia de grupo, os vários papéis que se articulam, os vários “eus” parciais, que no início é representada pela relação mãe e bebê fundamentalmente.

Para MORENO, o desempenho de *papéis* antecede o surgimento do “eu” (psicológico); isso porque, no início do desenvolvimento da criança, ela se comporta a partir de suas necessidades fisiológicas, que ainda não estão organizadas num núcleo, um “eu”, tendo o *papel* um caráter pré-verbal. São as várias experiências corporais que vão dando origem aos papéis psicossomáticos. Os comportamentos instintivos do bebê vão sendo organizados, na experiência com o ego-auxiliar, a mãe. Esse ego-auxiliar funciona como apoio vital para a realização das necessidades corporais e psicológicas do bebê. Essa mãe irá conferir os cuidados necessários para propiciar experiências adequadas ao bebê, e nesses cuidados agirá como vínculo complementar.

A mãe cuida, por exemplo, da fome, dá o seio e junto desse cuidado com a alimentação, propiciará um clima afetivo, que o bebê registrará formando, após sucessivas mamadas, um conjunto de experiências, um papel, com seu colorido emocional que pode ser tranqüilo, excitado, ansioso etc..

MATRIZ DE IDENTIDADE E TELE

Entende-se melhor o desenvolvimento dos papéis, quando MORENO fala da *matriz de identidade*, a placenta social da criança, sua rede relacional:

Essa matriz é existencial e pode ser considerada o *locus* donde surgem, em fases graduais, o eu e suas ramificações, os papéis. Os papéis são os embriões, os precursores do eu, e esforçam-se por se agrupar e unificar. (1978, p 25)

Diz-nos, também, FONSECA (2000):

A matriz de identidade pode ser definida como o primeiro núcleo relacional da criança. Não significa somente o vínculo diádico mãe-filho, mas a resultante emocional de todas as interações envolvidas nesse núcleo primário. Assim, tem-se de levar em conta a rede relacional (pai-mãe, avós, tios etc.) que envolve o novo ser, em uma complexa e sistêmica inserção, na qual fatores biológicos, psicológicos e socioculturais estão entrelaçados. (p.153)

Na fase primitiva da matriz, a criança não distingue a mãe nem o ambiente. O bebê está fundido, ou indiferenciado. Não existe o eu e o não-eu. Nesse período, a mãe, o ego -auxiliar, cuida do bebê e capta suas necessidades. É um período em que a mãe sensível, e se essa mãe for saudável, tética, desenvolverá uma atenção especial para cuidar bem de seu bebê.

Antes, porém, de se explorar o conceito de *matriz de identidade*, veja-se o conceito *tele*, conforme afirma MORENO:

Tele (do grego: distante, agindo à distância) foi definido como uma ligação elementar que pode existir tanto entre indivíduos como, também, entre indivíduos e objetos e que no homem, progressivamente, desde o nascimento, desenvolve um sentido das relações interpessoais (sociais). A Tele pode, assim, ser considerado como fundamento de todas as relações interpessoais sadias e elemento essencial de todo método eficaz de psicoterapia. Repousa no sentimento e conhecimento da situação real das outras pessoas. (1999, p.45)

A *Telerelação* é um conceito em oposição à transferência. A *tele* é a capacidade de percepção real do que está ocorrendo no aqui e agora. É primária e está ligada à saúde. A transferência é a patologia da *tele*, a distorção provocada pelas experiências oriundas do passado. *Tele* é saúde. Transferência é doença, mas são conceitos ideais.

Voltando à *matriz de identidade*, MORENO distingue três tipos de papéis:

- os fisiológicos ou psicossomáticos;
- os psicológicos ou psicodramáticos;
- e os sociais.

Na primeira fase da *matriz de identidade*, que é indiferenciada, os papéis que surgem são os psicossomáticos e estão ligados aos padrões de funcionamento das satisfações das necessidades fisiológicas e ao modo de interação que se estabelece, o clima afetivo-emocional do vínculo.

Na fase de indiferenciação, a mãe age como um duplo¹ do bebê, ou seja, ela “empresta” seu ego a serviço do desenvolvimento do bebê, por isso, ego-auxiliar. MORENO é enfático quando fala da necessidade de a mãe desenvolver um quadro nítido das necessidades e do ritmo do bebê, a fim de que possa aquecer-se para as exigências dele, para ajudá-lo a ser.

¹ MORENO criou uma técnica chamada *duplo*, onde o terapeuta expressa os pensamentos e sentimentos que o paciente não consegue expressar. Ele funciona como um ego-auxiliar. É uma técnica que ajuda o paciente a entrar em contato com elementos que ele por si só não é capaz de perceber.

MORENO descreve, assim, o desenvolvimento do bebê, quando ainda ele é fragmentado e disperso:

(...) o organismo da criança, que consistia originalmente num dado número de segmentos separados, sobrepostos às várias zonas do organismo, começará a fundi-los em vastas áreas do corpo. Quanto maior for a área do corpo abrangida pelo aquecimento,² maior será o número de unidades neuromusculares estimuladas. A criança começará se identificando ora com uma vasta aérea do corpo, ora com outra área vasta do corpo, ignorando que, na realidade, elas estão unidas entre si. O bebê ainda está distante de descobrir que, algum dia, ele será indicado como proprietário individual de todas elas. (1978, p.109)

Cabe à mãe, ou ao adulto responsável, os cuidados necessários para promover a integração deste bebê. Por enquanto, ela se apresenta como a extensão do próprio corpo do bebê. Nesse momento, o bebê vive tudo como uma unidade, que MORENO chama de primeiro universo da fase da *matriz de identidade*.

No seu tempo, o bebê vai percebendo que existe um dentro e um fora, um próximo e um distante. Progressivamente vai centrando sua atenção ora em si mesmo ora no outro. MORENO fala que ora a atenção fica no eu, ora fica no tu, até que, numa outra fase possa se fazer a inversão de papel, ou seja, colocar-se no lugar do outro, a inversão de identidade.

²“O processo de aquecimento manifesta-se em toda e qualquer expressão do organismo vivo, na medida em que este se esforça no sentido de um ato. Possui uma expressão somática, uma expressão psicológica e uma expressão social” (1978 p.106). É a mobilização dos sentidos e do corpo frente à situação numa totalidade expressiva.

Dentro dessa perspectiva, a inversão de papéis é o momento de maturidade do indivíduo, o colocar-se no lugar do outro emocionalmente, o que vai acontecer mais à frente do desenvolvimento.

FONSECA (1980) amplia a idéia de MORENO, da *matriz de identidade*, e propõe o seguinte esquema do desenvolvimento humano, em sua correlação entre MORENO e BUBER (p.100):

- *Fase da indiferenciação*: (identidade cósmica).
- *Simbiose*: existe uma forte ligação com a mãe, sendo a identidade muito incipiente.
- *Reconhecimento do eu*: começa a tomar consciência dos movimentos de seu corpo.
- *Reconhecimento do tu*: já existe uma atenção para o fora o tu.
- *Relações em corredor*: o tu é a principal pessoa fonte de suas necessidades, o terceiro é visto como ameaçador.
- *Pré-inversão de papéis*: é a fase de jogar o papel do outro.
- *Triangulação* – momento da elaboração da exclusão e rivalização (eu, tu, ele).
- *Circularização*: a criança já está preparada para se relacionar com mais pessoas. Eu, tu, ele, nós.
- *Inversão de papéis*: nesta fase já existe uma maturidade para se colocar no lugar do outro emocionalmente.
- *Encontro*: é o momento de grande intensidade/qualidade emocional, uma reconexão com o cosmos.
- *Revitalização de identidade pós-encontro*.

O autor fará, posteriormente, uma correção em seu livro *Psicoterapia da Relação* (2000, p.118), afirmando que a triangulação acontece antes da fase do reconhecimento do eu e do tu. É o terceiro do triângulo (pai) que ajuda a desfundir a simbiose. Além de afirmar que não compreende esse desenvolvimento em forma linear, mas em movimento de ir e vir em “espiral”.

É importante ressaltar que, mesmo no desempenho dos papéis corporais, o *papel* tem uma função de unidade organizadora e estruturante do eu; cabe ao bebê ir estabelecendo um sentido às suas funções vitais, uma certa elaboração das cargas instintuais. Nessa elaboração, caberá uma certa medida de improvisação e *espontaneidade*, o que é constatado em pesquisas etológicas que mostram que, na escala zoológica, para as espécies ditas diferenciadas, se observa uma plasticidade do instinto que leva a uma certa abertura a diferentes exigências do meio ambiente.

Mesmo sendo papéis de ordem corporal, papéis psicossomáticos, eles estão envolvidos por um papel social que é o *papel* de filho e suas expectativas sociais representadas pela família, reprodutora da Cultura, a qual estabelece leis e organiza o mundo do que é humano, sendo a linguagem e as formações ideológicas suas grandes marcas.

Os papéis psicossomáticos ligados às funções fisiológicas (comer, dormir, respirar etc.) determinam as primeiras ligações com o ambiente. Se num primeiro momento tudo é indiferenciado, com o tempo e suas experiências, o bebê vai se discriminando dos cuidados conferidos a ele e percebendo que possui um “eu”, estabelecendo um limite corporal, uma delimitação.

Com o surgimento de um dentro e um fora já é possível haver uma percepção de outra pessoa, o tu, mas mesmo assim ele não diferencia o que experimenta e o que imagina, para ele tudo é real.

Haverá um momento em que ocorrerá uma ruptura dessa realidade única onde o mundo da imaginação será diferente do mundo da realidade.

Dessa diferenciação surgirão os *papéis* sociais e psicológicos, e nessa alternância de lugares, a criança atinge a discriminação entre o real e o fantástico. Fim do primeiro universo, o da unicidade.

À entrada do segundo universo, MORENO chamará de "brecha entre fantasia e a experiência da realidade"(1978). É o momento de separação dos papéis, que consiste no fato de a criança poder discriminar atos reais dos imaginados, e isso não quer dizer que exista um mundo inteiramente real e outro inteiramente fantástico, mas que é da condição humana mover-se entre ambos. A função da realidade opera mediante interpolações de resistências que não são introduzidas pela criança, mas lhe são impostas por outras pessoas, relações etc.

Com a criação da brecha e formados os *papéis* psicodramáticos e sociais, surgirão assim às condições para um eu integrado, total, constituído dos eus parciais: psicossomático, psicodramático e social.

Os *papéis psicodramáticos* são aqueles que o indivíduo experimenta como próprios, como particulares, tendo como suporte o imaginário, a fantasia. MORENO entendia os papéis psicodramáticos tanto os desempenhados no cenário durante uma dramatização, quanto os oriundos da imaginação, criados pela fantasia.

É interessante apontar para a constituição da palavra psicodramático, que junta *psique* (alma) e *drama* (ação). É o trabalho da psique, do indivíduo, na transformação das conservas culturais (social), que possibilitará o papel psicodramático. O papel psicodramático é a elaboração espontâneo-criativa da realidade social. Já o papel social é tudo aquilo que nos é dado pela cultura. Ele representa a sociedade em nós, seus padrões de conduta.

A rigor essas delimitações entre papéis psicossomáticos, psicodramáticos e sociais são meramente para fins didáticos. MORENO, com sua teoria, busca compreender o como o social se articula com o psicológico no do ser humano, seu plano intersubjetivo.

O ENCONTRO

Outro conceito importante é o de *encontro*, como observa MORENO:

Encontro significa mais do que uma vaga relação interpessoal. Significa que duas ou mais pessoas se encontram não só para se defrontarem entre si, mas também para viver e experimentar-se mutuamente, como atores cada um por seu direito próprio, não como encontro “profissional”(um investigador de casos,ou um médico, ou um observador participante, e seus sujeitos), mas um encontro de duas pessoas. (1978, p.307)

Encontro é um conceito que teve grande influência na fase mística de MORENO,da religião, que significa re-ligar, criar significados, dar sentidos.

Encontro pode ser com o cosmo, como também em psicoterapia, com a condição humana, com a vida em suas multplicidades, através da percepção genuína do eu-tu, da relação télica, no aqui-agora. Numa linguagem poética MORENO (1978) define assim o conceito:

Um encontro de dois: olhos nos olhos, face a face.
E quando estiveres perto, arrancar-te-ei os olhos e colocá-
los-ei no lugar dos meus;
E arrancarei meus olhos para coloca-los no lugar dos teus;
Então, ver-te-ei com os teus olhos
E tu ver-me-ás com os meus.(p.9)

FONSECA (2000) faz uma bela síntese dos vários conceitos da teoria nos seguintes termos:

Aprenendo a teoria psicodramática como uma unidade em que cada conceito se relaciona com outro e todos com um. É dentro desta visão global que o homem forma a personalidade na *matriz de identidade*, relaciona-se por meio de *papéis*, faz vínculos *télicostransferenciais*, tem ou não *encontros* e libera *espontaneidade* em seus *momentos de criatividade*. Nessa compreensão, a espontaneidade é decorrência do homem em movimento, em *relação*. Nesta atitude, o primeiro olhar é para a dimensão relacional e o segundo para a liberação-coartação de espontaneidade envolvida no processo. Isto não significa uma desconsideração, mas uma consideração específica da espontaneidade na teoria socionômica. Do ponto de vista prático, por exemplo, em uma dramatização, acredito que a fluência espontânea seja mais importante que resoluções formais de conflitos, embora toda resolução de conflitos implique liberação de espontaneidade. Abrir canais de espontaneidade é a meta principal do psicodramatista. (p.77)

2 OS ESTÁGIOS INICIAIS DO PROCESSO DE AMADURECIMENTO PESSOAL, EM WINNICOTT

Um Pouco da História de Winnicott

A vida só é possível reinventada.

CECÍLIA MEIRELES

O analista inglês DONALD WOODS WINNICOTT nasceu em 1916, em Plymouth, Londres, e faleceu em 1971. Teve dois casamentos, o primeiro com a atriz Alice Taylor, que durou 25 anos, e o segundo com Clare Winnicott. Não teve filhos.

WINNICOTT era o mais novo de idade em relação às duas irmãs que eram cinco e seis anos mais velhas. Em suas biografias, cita-se que ele era amado e experimentou uma vida em família harmoniosa, sem maiores problemas. O relato de Clare, sua segunda esposa, revela:

A casa Winnicott era uma mansão, cheia de vida e atividades. Havia lugar para todos no jardim e dentro da casa, nunca faltou dinheiro. Havia uma horta e árvores frutíferas que rodeavam toda a propriedade. Também havia determinada árvore em que Donald se instalava para fazer render os dias que precediam sua partida para a escola... Sem dúvida alguma, os pais ocupavam o centro da vida das crianças; deles emanavam a estabilidade e a vitalidade de toda a casa. A mãe era vivaz, entusiasta, capaz de mostrar seus sentimentos e expressá-los livremente. Era natural e direta com todos. Sir Frederick Winnicott era alto e esbelto, havia nele uma espécie de tranqüila dignidade e uma ponderação um pouco fora de moda. Adorava gracejar. Todos que o conheceram o consideravam um homem muito inteligente, de juízo acertado. Ambos os pais tinham um aguçado senso de humor. (Winnicott, in Colección Lo Inconsciente, s.d.).

O pai de WINNICOTT tinha uma fé religiosa simples e sabia respeitar o amadurecimento do filho, e WINNICOTT comenta:

Certa vez, quando lhe fiz uma pergunta que poderia ter nos envolvido em uma longa discussão (sobre religião), apenas respondeu:

-Leia a Bíblia, e o que encontrar lá será a resposta para você.

Deixaram-me, graças a Deus, ir em frente com isso, por mim próprio. (s.d.)

Relata também que o desejo de seu pai era que ele fosse comerciante, entretanto, resolveu que seria médico a partir de um acidente, em que teve quebrada a clavícula. Em suas palavras: "pude ver que, pelo resto da minha vida, se ficasse doente, teria de depender dos médicos; a única saída para essa posição era tornar-me médico, eu próprio"(s.d.).

Formou-se em medicina como pediatra, na verdade, um pediatra em formação analítica, pois era seu desejo ser analisado.

Essa junção, entre a prática médica de pediatra e psicanalista, dará os frutos de suas teorias, através das observações da relação mãe/bebê e dos materiais dos atendimentos em consultório, como analista.

A tradição filosófica empirista teve grande influência em seu pensamento, segundo a qual, o método de investigação científica e o conhecimento surgem de percepções e experiências e não de idéias inatas. As hipóteses devem ser avaliadas e descartadas com base nas evidências; e na aprendizagem, o valor dos erros é tão importante quando dos acertos.

O pragmatismo do empirismo também influenciou WINNICOTT, sendo um homem prático, pouco afeito a teorias idealmente abrangentes. Suas teorias

tinham o sentido de auxiliá-lo no seu trabalho terapêutico. Entretanto, mesmo com essas influências ele afirmava: “a psicanálise continua onde a fisiologia parou. Ela expande o território científico para abranger os fenômenos da personalidade humana, do sentimento humano, do conflito humano”. E continua: “Existe uma linha de pensamento subjetiva. A objetividade vem depois, por meio de um trabalho planejado e por meio de comparações das observações feitas”.

WINNICOTT, já antevendo sua morte, “brincava” com esses pensamentos e a entendia como o momento máximo do processo de integração, e dizendo: “quero estar vivo no momento de minha morte”.

Na experiência como pediatra e posteriormente como psicanalista, WINNICOTT foi construindo suas observações e teorias a respeito do desenvolvimento do bebê, mais especificamente a relação mãe-bebê.

WINNICOTT formou-se na tradição teórica Kleiniana, mas, à medida que sua própria experiência clínica crescia em consistência e ganhava impulso, começou a questionar a ênfase absoluta nos aspectos internos, em particular ao papel da culpa no desenvolvimento emocional inicial.

WINNICOTT, além de aceitar as fantasias inconsciente como fazendo parte da constituição da criança, deu um valor substancial ao ambiente no desenvolvimento desta.

Para o autor, os estágios iniciais do processo de amadurecimento caminham da Dependência Absoluta para a Dependência Relativa, Rumo à Independência. WINNICOTT afirma que eles não são lineares. O desenvolvimento do bebê progride e regride, entra numa fase e volta.

Explica WINNICOTT (1990):

A dissecação das etapas do desenvolvimento é um procedimento extremamente artificial. Na verdade a criança está o tempo todo em todos os estágios, apesar de que um determinado estágio pode ser considerado dominante. (p.52)

O autor diz ainda:

Qualquer estágio no desenvolvimento humano é alcançado e perdido, alcançado e perdido de novo, e mais uma vez; a superação dos estágios no desenvolvimento só se transforma em fato muito gradualmente, e mesmo assim apenas sob determinadas condições. (p.55)

Para WINNICOTT, o bebê traz consigo, como herança, uma tendência inata ao amadurecimento e à integração num todo unitário. Essa tendência não garante o seu desenvolvimento. Será necessário um ambiente que facilite esses processos de integração. Cabe à mãe estabelecer uma sintonia fina com o bebê para propiciar as condições ideais de satisfação de suas necessidades. Diz o autor:

No início há a não-integração, não há vínculo entre corpo e psique, e não há lugar para a realidade não-eu (..) não há um lugar a partir do qual olhar. No entanto, a semente de todo desenvolvimento futuro está ali, e a continuidade da experiência é essencial para a saúde futura do bebê que virá a ser um indivíduo. (p.153)

DEPENDÊNCIA ABSOLUTA - REALIDADE SUBJETIVA - A MÃE COMO AMBIENTE

A sintonia fina que a mãe estabelece com o bebê, capaz de propiciar as condições para a satisfação das necessidades dele, WINNICOTT denominará *preocupação materna primária*. É um estado de identificação tamanha que a mãe “sabe” das necessidades do bebê. Toda sua atenção está voltada para ele. É um estado de devoção. Todo o período de gravidez já é uma preparação deste estado. A mãe precisará também das condições ambientais adequadas para suas necessidades, o que para o autor será o papel principal do companheiro: o de propiciar condições para que a mãe esteja voltada para o bebê.

A essa mãe que está atenta ao bebê, numa estado de devoção, WINNICOTT chamará de *mãe suficientemente boa*, ou seja, é aquela mãe que propiciará um ambiente tranquilo e estável, onde o bebê possa *continuar sendo*, sem nenhuma interrupção abrupta desse seu processo.

Nesse momento, na perspectiva do bebê, a mãe não é discriminada como uma pessoa, e como ele mesmo, ainda não existe a discriminação eu e não-eu.

O bebê sente uma necessidade, que ele não sabe qual é, um incômodo, um anseio de mamar, e a mãe com sua adaptação ativa lhe dará o seio. Nessa junção de ansiar e ter sua necessidade atendida, o bebê terá uma experiência de onipotência, de criar o que necessita. Com esta experiência o bebê inicia sua jornada de começar a se relacionar com objetos subjetivos.

A “mãe suficientemente boa” também precisa dos outros (o seu ambiente suficientemente bom) para poder se dedicar ao bebê. Ela terá dificuldade sem ter um campo sociocultural, que lhe possibilite exercer suas funções.

Nesse sentido, a boa maternagem, assim com suas falhas, tem origem na mãe, no pai, nos avós, na situação social em que a mãe se encontra e nas características da cultura.

Sobre o início da vida do bebê, WINNICOTT (1990) acrescenta: “existe um simples estado de ser, e uma consciência incipiente da continuidade do ser e da continuidade do existir no tempo (p.157).

No estágio denominado de *dependência absoluta*, o bebê depende totalmente do ambiente/mãe para realizar sua tendência à integração num todo. Winnicott afirma que não existe o bebê sozinho, como às vezes somos levados a pensar. Sempre haverá o bebê em relação a um cuidador, ou seja, os dois formam uma unidade.

Nesse processo em que a dependência extrema é vital, a mãe com seus cuidados irá permitir que o bebê exista e vá se separando dela lentamente, ao longo do tempo.

Aos movimentos da mãe como ambiente facilitador, através da sustentação física (e psicológica), WINNICOTT denomina *Holding*, a mãe proporciona ao bebê um sentimento de segurança e de confiabilidade. Já os cuidados com a higiene corporal, o colocar e tirar do berço, enfim, as atividades de manejo, WINNICOTT denominou de *Handling*.

É através do toque, do segurar, do contato com sua pele que o bebê começa a sentir que tem um corpo e pode identificar suas partes. As sensações corporais vão sendo registradas e estabelecem uma noção de limite e diferenciação ainda rudimentares.

Em um texto de 1963, intitulado 'O medo do Colapso', WINNICOTT diz: "o meio ambiente facilitador pode ser descrito como sustentação (*Holding*), evoluindo para o manejo (*handling*), ao qual se acrescenta a apresentação do objeto".

O *Holding* deficiente produz conseqüências sérias no processo do amadurecer do bebê, tais como: sensação de despedaçamento; de estar caindo num poço sem fundo; de que a realidade exterior não pode ser usada para o reconforto interno; e de outras ansiedades que são, geralmente, classificadas como "psicóticas" (2001,p.27).

A manipulação (*handling*) facilita uma coesão psicossomática na criança, contribuindo para um sentimento de "real", por oposição a "irreal", além de propiciar a da experiência do funcionamento corporal, e de *ser*. Sua deficiência prejudica o desenvolvimento do tônus muscular e da coordenação motora.

A apresentação de objetos que permitem a realização, no sentido de se tornar "real", permite à criança viver o impulso criativo em sua relação com os objetos. As falhas prejudicam esse sentimento de ser "real" em sua relação com o mundo dos objetos e dos fenômenos.

Nesse sentido, amadurecer é função da acumulação de experiências de vida, integrando-as, e só pode acontecer num ambiente propiciador, que WINNICOTT denomina de 'mãe suficientemente boa'.

Assim que o bebê nasce, ele não tem o sentido de externalidade, uma vez que ele ainda não se constituiu como diferenciado do ambiente. O bebê está fundido à mãe; na verdade, ele não se constitui como um eu, mas, sim, como pedaços desconexos. Através dos cuidados, que estão em sintonia com as necessidades do bebê, ele registra a confiabilidade, a garantia silenciosa

do *continuar sendo*. A experiência de ser seria a mais simples, a mais basal; seria a experiência de *contato sem atividade*. No dizer de WINNICOTT, seria o primórdio da experiência psíquica em um nível não-pulsional, *por princípio*, ou seja, antes de sua integração na experiência pessoal do bebê.

Em 1975, em seu texto 'A Criatividade e Suas Origens' no livro *O Brincar e a Realidade*, WINNICOTT aborda a questão do ser e da experiência não-pulsional, denominada por ele de *elemento feminino puro*. Para o autor, esse elemento é o alicerce da experiência do ser. É a fusão bebê/ambiente, estágio que exige pouca estrutura mental.

Já o *elemento masculino puro*, será a experiência no nível instintivo, que exige o *fazer* e a separação eu/objeto.

WINNICOTT estabelecerá a comparação:

(...) desejo dizer que o elemento que estou chamando de masculino transita em termos de um relacionamento ativo ou passivo, cada um deles apoiado pelo instinto. É no desenvolvimento dessa idéia que falamos de impulso instintivo na relação do bebê com o seio e com o amamentar, e, subseqüentemente, em relação a todas as experiências que envolvem as principais zonas erógenas, e a impulsos e satisfação subsidiárias. Em contraste, o elemento feminino puro relaciona-se com o seio (ou com a mãe), no sentido de o objeto torna-se o seio (ou a mãe), no sentido que o objeto é o sujeito. Não consigo ver impulso instintivo nisso. (1975, p.113)

Para WINNICOTT, o bebê, através da *criatividade originária*, inata a ele, irá criar o primeiro objeto subjetivo: o seio. A mãe disponibiliza o seio no mo-

mento exato da criação. Com essa ação, ela propicia ao bebê a experiência de onipotência, a ilusão de que ele pode criar aquilo que necessita.

O bebê que recebe os cuidados suficientes da mãe conseguirá realizar as tarefas básicas que fortalecem sua personalidade e sua saúde psíquica durante o processo de amadurecimento.

As tarefas são: integração (temporalização e espacialização), personalização e realização. Elas sedimentam o caminho do bebê em direção à integração num si-mesmo unitário. São interdependentes e uma não pode ocorrer plenamente sem a outra.

A INTEGRAÇÃO NO TEMPO E NO ESPAÇO

O bebê inicialmente vive num estado de não-integração, que se caracteriza pela ausência de inserção no tempo e espaço, e, pela não coesão psicossomática. Essas conquistas se darão gradualmente se o ambiente for suficientemente adequado. Ele vive apenas momentos de integração, que são propiciados por dois tipos de fatores. Os internos se referem às tensões instintuais, que aglutinam o si-mesmo como um todo. Os externos podem ser expressos pelos cuidados ambientais que ajudam o bebê a manter-se inteiro, o *holding*.

Com o desenvolvimento, a tarefa de integração no tempo e no espaço se amplia. Ela depende da tranqüilidade e da regularidade do ambiente, é a mãe quem irá promover a *sustentação da situação no tempo*.

Diz WINNICOTT:

A integração e a manutenção do estado de unidade trazem consigo outros desenvolvimentos de grande importância.

A integração significa responsabilidade, ao mesmo tempo que consciência, um conjunto de memórias, e a junção de passado presente e futuro dentro de um relacionamento. Assim, ela praticamente significa o começo de uma psicologia humana.(1990 p. 140)

A presença contínua da mãe dará segurança ao bebê. Propiciará uma memória de presença, um sentido do real e do mundo subjetivo. Mas essa construção ainda é incipiente e precária. O bebê precisa da presença concreta da mãe para preservar sua continuidade de ser, manter sua criatividade e a vida do mundo subjetivo. WINNICOTT (2001) observa:

Os impulsos criativos apagam-se a não ser que sejam confrontados com a realidade externa (externa para o observador e material para o mundo subjetivo). Cada criança precisa recriar o mundo, mas isso só é possível se, pouco a pouco, o mundo for se tornando presente nos momentos de atividade criativa da criança. A criança estende a mão e lá está o seio, e o seio é criado”.(p.23)

A presença da mãe é fundamental para que o amadurecimento ocorra e são as experiências que permitirão ao bebê ter memórias é, portanto, o que define o início do ser humano. As memórias corporais vão se juntando e comecem a dar um sentido de passado para o bebê, assim poderá antecipar o futuro e tornar os fatos previsíveis.

A mãe com sua presença, confiabilidade e previsibilidade não deixa o bebê ser pego de surpresa com algo que não possa dar conta. Essa segurança no ambiente, que é um processo que se repete milhares de vezes, vai constituindo um si-mesmo para o bebê. Isso dá possibilidade para a diminuição da dependência, do bebê ir buscando o mundo gradualmente.

PERSONALIZAÇÃO

Para um observador externo, as partes do corpo do bebê formam um todo integrado. Entretanto, ele ainda não tem consciência dessa realidade. Sente seu corpo fragmentado, aos pedaços, não-integrado. As tensões instintuais são sentidas como explosões dispersas, separadas, que ameaçam a continuidade do ser. São os cuidados maternos que irão juntar estas experiências de percepção num todo, num si-mesmo. É essa integração que vai permitir que a personalização ocorra.

O bebê irá elaborar imaginativamente as funções corporais como um corpo que lhe pertence, dará um sentido a estas experiências. Por exemplo, a fome é sentida pelo bebê como algo que o ameaça, que o invade e ameaça a continuidade de seu ser. Ele não sabe de onde vem essa ameaça, porque não é capaz de saber o que é dentro e o que é fora, ainda não alcançou esta etapa: a discriminação eu/não-eu. À medida que a integração vai se tornando mais consistente é que ele terá uma noção mais clara de si mesmo e de suas tensões.

Então o que era apenas um corpo se tornará *soma* quando se personaliza, formando um dentro e um fora, sendo a pele uma separação do interno e externo.

REALIZAÇÃO

O INÍCIO DO CONTATO COM A REALIDADE: AS RELAÇÕES OBJETAIS

No início da vida do bebê, quando ele é tomado pelas tensões instintuais, desenvolve uma expectativa, um estado de que algo pode ser encontrado, sem, entretanto saber o quê.

Esse incômodo causará uma agitação, uma busca para encontrar algo que apazigúe este desconforto. Quando a mãe vem com a resposta para esse desconforto (o seio), ela dá meios para que o bebê *realize* a sua criação. O mundo subjetivo começa a ser constituído. Entretanto nessa realidade ainda não há separação sujeito/objeto. O bebê não discrimina o “eu” do “não-eu”. Em face da tensão instintiva surgirá uma expectativa e a mãe, através de sua adaptação ativa, irá fornecer aquilo que ele necessita, dando ao bebê o sentido de ter criado o que necessitava. Após várias experiências deste tipo é que o bebê terá o sentimento onipotente da criação do mundo, ou seja, estará sedimentada a base da ilusão.

Após a instalação da ilusão, do mundo subjetivo, é que o bebê vai, em seu ritmo, entrando em contato com o objeto intermediário, pois já consegue elaborar as falhas, que são compatíveis com o amadurecimento do bebê, no processo do cuidado materno.

Nesse processo de amadurecimento, o bebê irá se relacionar com um objeto, por exemplo, um cobertor, que é, ao mesmo tempo, subjetivo e já apresenta alguma exterioridade. É nesse espaço potencial que ocorrem os fenômenos transicionais.

Por último, desenvolve-se a relação com objeto externo e que tem vida própria, independente da criação da criança e pode ser usado naquilo que ele é capaz de oferecer.

Estas conquistas, que contam sempre com o apoio fundamental da mãe, não são garantidas, e podem ser perdidas em casos específicos.

DEPENDÊNCIA RELATIVA - A TRANSICIONALIDADE – O BRINCAR

WINNICOTT desenvolveu o conceito de realidade intermediária, isto é, entre as realidades 'subjéctiva e externa', encontra-se a 'intermediária'. A realidade intermediária será a área de experimentação do bebê, para a qual contribuem a realidade interna e a externa. Diz ele:

(...) A área intermediária a que me refiro é a área que é concebida ao bebê, entre, a criatividade primária e a percepção objetiva baseada no teste da realidade. Os fenômenos transicionais representam os primeiros estágios do uso da ilusão, sem os quais não existe, para o ser humano, significado na idéia de uma relação com um objeto que é percebido como externo a esse ser.
(1975, p.26)

Existirá um momento em que o bebê começará a se apegar a alguns objetos, como a ponta da fralda, ou de um cobertor, ou um ursinho. Ele estabelecerá com ele uma relação muito específica; esses objetos apontarão o movimento do bebê em direção à realidade externa, mas não será nem interna nem externa, será intermediária. Um lugar de passagem, um espaço ao mesmo tempo real e psíquico, as experiências transicionais.

Afirma WINNICOTT (1975):

Não é o pano ou ursinho de pelúcia usado pelo bebê – não o objeto em si mesmo, mas o uso desse objeto. Chamo a atenção para o paradoxo implícito ao uso feito pelo bebê disso que denomino transicional. Minha contribuição é a de pedir que o paradoxo seja tolerado, e respeitado, e não resolvido. Através da fuga para a função intelectual dissociada é possível resolver o paradoxo, mas o preço a ser pago é a perda do valor do paradoxo propriamente dito.(p.10)

Nesse momento o bebê experimenta o controle mágico, a onipotência, porém mitigada, juntamente com a oposição do próprio objeto. É uma área de experimentação, onde ocorre o paradoxo. O objeto transicional é ao mesmo tempo criado pelo bebê e existe independente dele. É sempre uma parte do real e representa uma confrontação da realidade onipotente do bebê com a alteridade do objeto fora dele mesmo.

O paradoxo é que o objeto, ao mesmo tempo, está sob o controle onipotente de sua criação, e está fora. Para o bebê essa área intermediária é necessária para ele poder ir recriando os elementos da realidade externa, absorvendo-os na medida de suas possibilidades.

No adulto, é nesta área de experiência que se dará a arte, ciência, religião, enfim, a cultura. É nesse espaço que os símbolos são criados e a atividade psicológica imaginativa se dá.

Esclarece WINNICOTT:

Entre o subjetivo e aquilo que é objetivamente percebido existe uma terra de ninguém, que na infância é natural, e que é por nós esperada e aceita. O bebê não é desafiado no início, não é obrigado a decidir, tem o direito de proclamar que algo que se encontra na fronteira, é ao mesmo tempo criado por ele e percebido ou aceito no mundo, o mundo que existia antes da concepção do bebê. (1990, p127)

Com a separação progressiva, através de várias experimentações, o bebê vai delimitando o 'eu' e o 'não-eu', e essa distância criará um *espaço potencial* que será um espaço da ilusão criativa, do jogo, do brincar. Continua o autor: “Esse espaço potencial encontra-se na interação entre não haver senão eu e a existência de objetos e fenômenos situados fora do controle onipotente” (1975, p.139).

Esse movimento do processo de amadurecimento representa a passagem gradual da adaptação absoluta do bebê com a mãe, para a adaptação relativa; é o processo de desfusão bebê/Mãe. Esclarece WINNICOTT: “Não é o objeto, naturalmente, que é transicional. Ele representa a transição do bebê de um estado que este está misturado com a mãe para um estado em que está em relação com ele como externo e separado” (1975, p.30). A transicionalidade marca o início da atividade simbólica, a capacidade de representar algo.

Desde a formulação, em 1951, do conceito de objetos ou fenômenos transicionais, até a integração deste conceito em uma teoria do brincar, em

1971, WINNICOTT procura caracterizar o movimento da construção da realidade do bebê e da criança.

O BRINCAR

A partir do entendimento da área intermediária, ou transicional, WINNICOTT vai lançar luzes na atividade do *brincar* e sua importância no desenvolvimento da criança e durante toda a vida do indivíduo.

Ele descreve a seqüência de relacionamentos que envolvem o brincar, da seguinte forma (1975):

- 1- O bebê e o objeto estão fundidos um no outro. A visão que o bebê tem do objeto é subjetiva e a mãe se orienta no sentido de tornar concreto aquilo que o bebê está pronto a encontrar.
- 2- O objeto é repudiado, aceito de novo e objetivamente percebido. Esse processo complexo é altamente dependente da mãe ou figura materna preparada para participar e devolver o que é abandonado. Isso significa que a mãe (ou parte dela) se acha num permanente oscilar entre ser o que o bebê tem capacidade de encontrar e (alternativamente) ser ela própria, aguardando se encontrada. (...)
- 3- O estágio seguinte é ficar sozinho na presença de alguém. A criança está brincando agora com base na posição de que a pessoa a quem ama e que, portanto, é digna de confiança, e lhe dá segurança, está disponível e permanece disponível quando é lembrada, após ter sido esquecida. Essa pessoa é sentida como se refletisse de volta o que aconteceu no brincar.

- 4- A criança agora está pronta para o estágio seguinte, que é permitir e fruir uma suposição de duas áreas de brincadeira. Em primeiro lugar, naturalmente, é a mãe quem brinca com o bebê, mas com cuidado suficiente para ajustar-se às suas atividades lúdicas. Mais cedo ou mais tarde, entretanto, ela introduz seu próprio brincar e descobre como é vária a capacidade dos bebês de aceitar, ou não, a introdução de idéias que não lhe são próprias. Dessa maneira, está preparado o caminho para um brincar conjunto num relacionamento. (p.71 e 72)

Para WINNICOTT a criatividade é primária, inata, e a criança, com a adaptação ativa da mãe, irá recriando o mundo dando-lhe um caráter pessoal, pois ela participa ativamente de sua construção com suas fantasias. É nessa área, a do brincar, que ela irá exercitar suas fantasias e ao mesmo tempo fazer coisas, ou seja, irá não apenas pensar ou desejar. Esse fazer, que ocupa tempo e espaço, juntamente com o fantasiar, é o brincar.

O brincar é natural e universal é um parâmetro de saúde, pois, facilita o relacionamento interpessoal e consigo mesmo.

Empenhado em apontar a importância do ambiente no processo maturacional da criança e fazendo a analogia com o *setting* terapêutico ele dirá:

O brincar só pode vir a partir do funcionamento amorfo e desconexo ou, talvez do brincar rudimentar, como se numa zona neutra. É apenas aqui, nesse estado não integrado da personalidade que o criativo, tal como o descrevemos, pode emergir.

Refletido de volta, mas apenas nesse caso, torna-se parte da personalidade individual organizada e, no

conjunto, acaba por fazer o indivíduo ser, ser encontrado, e acaba por permitir que postule a existência do eu(self).

Isso nos dá indicação para o procedimento terapêutico: propiciar oportunidade para a experiência, amorfa e para os impulsos criativos, motores e sensoriais, que constituem a matéria-prima do brincar, É com base no brincar, que se constrói a totalidade da existência experiencial do homem.

Não somos mais introvertidos ou extrovertidos. Experimentamos a vida na área dos fenômenos transicionais, no excitante entrelaçamento da subjetividade e da observação objetiva, e numa área intermediária entre a realidade interna do indivíduo e a realidade compartilhada do mundo externo dos indivíduos. (p.92)

Com essa descoberta do espaço transicional, que ele chamará do lugar do brincar, um espaço potencial entre o bebê e a mãe, WINNICOTT vai apontar a importância do brincar para uma experiência criativa e verdadeira ao indivíduo e que somente sendo criativo é que ele se torna real, ou de outra maneira, que ele se experimenta (*self*) como verdadeiro.

É o *holding* da mãe que torna possível ao bebê uma separação do não-eu a partir do eu. Mas ao mesmo tempo essa separação é evitada, melhor dizendo, a separação é substituída pelo brincar criativo, que se origina numa área intermediária, o espaço potencial num estado relaxado.

Retome-se o movimento: no início o bebê está fundido à mãe que do ponto de vista do bebê não é discriminada. Com a adaptação ativa da mãe às necessidades do bebê ele pode experimentar a ilusão de onipotência que posteriormente vai sendo diminuída e havendo as primeiras experiências de

separação. Para que isso ocorra é necessário que a mãe/ambiente aceite que o bebê é um ser separado dela e busca autonomia paulatinamente. Haverá um momento em que a criança se relacionará com o objeto de uma tal forma que ele estará sob seu controle e ao mesmo tempo externo a ele. Essa área intermediária é a transicionalidade, e sua marca é o paradoxo, pois ao mesmo tempo ocorre a experiência com elementos do mundo interno e da realidade compartilhada. Essa é a experiência do brincar e seu espaço é chamado de potencial, um lugar do fazer, que ocupam tempo e espaço e que na vida adulta será o lugar da experiência do campo cultural das artes e das religiões. A integração entre a originalidade e a tradição.

RUMO À INDEPENDÊNCIA - A MÃE COMO OBJETO- USO DO OBJETO

O uso do objeto faz parte da linha do amadurecimento pessoal, da teoria de WINNICOTT.

Nesse sentido, é uma conquista e para isso se realizar, como mencionado anteriormente, a mãe continuará a apresentar a realidade em dose gradual e suportável para o bebê. Se nas etapas anteriores apontava-se a relação com os objetos, o objeto subjetivamente concebido (*o seio*) e os fenômenos transicionais (*o cobertor*), nesta, o bebê já está em condições de perceber os elementos da realidade externa, ou compartilhada. Para o objeto ser usado é necessário que ele seja percebido, ou seja, que já exista uma discriminação entre 'eu' e 'não-eu' e o conseqüente amadurecimento do bebê/criança para a perda da onipotência, não da ilusão, que sempre será seu chão psíquico.

O que WINNICOTT descreve é o movimento de expulsão do objeto para fora da área do controle onipotente, ou seja, a destruição do objeto subjetivo. Esse movimento de expulsão ele chamará de 'destrutividade', que permite o

bebê conduzir-se rumo a um objeto, um 'não-eu', que ele experimentará como alteridade.

WINNICOTT examinará a destruição como sendo um aspecto essencial do desenvolvimento infantil, e a agressividade, o movimento necessário para a criação da exterioridade. Assim, esclarece:

Entende-se, geralmente, que o princípio de realidade envolve o indivíduo em raiva e destruição reativa, mas minha tese é a de que a destruição desempenha um papel na criação da realidade, colocando o objeto fora do eu (self). Para que isso aconteça, condições favoráveis se fazem necessárias. (1975, p.127)

No processo de amadurecimento do bebê, ele *passa de se relacionar a usar o objeto*. Para que isso se torne possível, como mencionado, é necessária a destruição do objeto na fantasia, a transformação do objeto onipotente. Isso inaugura a passagem do objeto subjetivo que é tratado cruelmente com a destrutividade, para o objeto objetivamente percebido, ou seja, com vida independente do bebê.

A destrutividade possibilita ao bebê passar da *criação do mundo* (subjetivo), para o *criar no mundo*.

Nessa experiência de destruição do objeto, da expulsão da área de seu controle onipotente (fantasia), é necessário que a mãe sustente no tempo essas experiências do bebê e sobreviva. Sobreviver significa, não retaliar, permanecer confiável e ter existência independente.

O bebê precisa da experiência de poder continuar destruindo os objetos e que eles permaneçam para serem usados. Desta forma o objeto sobrevive por si só e não precisa ser protegido pelo bebê, em fantasia. Se por acaso ele não pode destruir o objeto, ele também não poderá usá-lo, nem amá-lo. A mãe será esse objeto que criará uma série de experiências, que de subjetivo passa a ser percebido já em sua complexidade, pois suscitarão na criança sentimentos ambivalentes de amor e destruição.

Isso significa que o mesmo objeto poderá ser amado ou odiado, protegido ou atacado, sem que haja alterações mágicas em sua qualidade, isto é, está fora do controle onipotente. Após a destruição e a sobrevivência do objeto, o bebê irá se relacionar de outra maneira com o mesmo objeto e desenvolverá, no tempo, outros sentimentos, que não apenas de destrutividade, e o relacionamento parcial, ele ficará preocupado/concernido (*concern*). Essa preocupação acontece em virtude da integração das partes do objeto, que então a criança percebe que ataca (uso) e ama (relação) o mesmo objeto, iniciando um processo complexo de elaboração de afetos de culpa e reparação.

No movimento da dependência absoluta para a independência, o bebê necessita de um meio que lhe dê a possibilidade de expressar livremente seus instintos e que lhe proporcione um sentimento de continuidade do seu ser. Se a mãe tiver êxito nesta missão vital, a criança poderá integrar os núcleos do ego que antes estavam dispersos. Uma falha na provisão materna pode ser sentida como um ataque ao núcleo do *self*, ao seu processo de integração, gerando uma ansiedade de desintegração, ou um movimento de retraimento no processo de amadurecimento.

O eu integrado, permite a conquista do “eu sou”, de uma identidade unitária. Não que essa conquista esteja garantida, para WINNICOTT nada é ga-

rantido, tudo pode retroceder, mas esse sentimento do “eu sou” é que permite à criança o sentimento de ser real.

O ESTÁGIO DO CONCERNIMENTO

Um dos aspectos mais importante, neste estágio, é a percepção da criança de que ela é única e que suas excitações e seus momentos tranquilos são dela (ela). Percebe também que a mãe que cuida dela é a mesma que ela destrói, ou ataca quando excitada. No dizer de WINNICOTT:

Gradualmente vai ocorrendo uma integração entre a forma tranqüila de relacionamento e a forma excitada, e o reconhecimento de que ambos os estados (e não apenas um) constituem uma relação total com a mãe-pessoa. (1990, p.89)

A vivência dos impulsos instintivos agora pode ser experimentada e integrada. A partir daí começa a existir na criança um sentimento de culpa e de responsabilidade pela destrutividade, intrínseca à vida instintual. A importância da mãe neste momento é de oferecer-se como objeto a ser usado, destruído, sugado, e sobreviver, ou seja, continuar a ser empática e a favorecer o desenvolvimento da criança.

Se por acaso a mãe deixar de “sobreviver” implica que a criança em sua fantasia terá triunfado e, nesse sentido, perderá a mãe. Ela não conseguirá fazer os gestos reparadores, fundamentais para sua saúde psíquica e sua criatividade.

Sem os movimentos de reparação haverá uma perturbação na maturação emocional da criança, podendo crescer um indivíduo temeroso de suas

próprias pulsões, e sem a capacidade restauradora e integradora dos elementos instintuais.

A tarefa de integrar a instintualidade, com toda sua agressividade que lhe é inerente, requer tempo e um ambiente seguro e contínuo. Para WINNICOTT, o bebê humano não tem condições de suportar a culpa de seus atos agressivos, que estão em sua vida instintiva, pois ele continua a depender dos cuidados de um outro, ou seja, essa ambivalência num primeiro momento é muito difícil de elaboração para a criança. A resolução desta dificuldade se dará na capacidade de ela fazer reparações, no estrago que foi feito e poder ser consertado. Esse destruir e reconstruir, machucar e curar, WINNICOTT irá chamar de “círculo benigno”:

Como resultado do êxito das idéias e atos reparadores, o bebê torna-se mais audacioso ao permitir-se novas experiências instintivas; a inibição diminui e isto leva a conseqüências ainda mais ricas da experiência instintiva, surge, assim, uma tarefa ainda maior para a próxima fase de digestão ou contemplação, mas quando o bebê conta, felizmente, com a existência de um cuidado materno contínuo e pessoal, ele cria uma capacidade de reparação também maior, e a isto se segue um novo patamar de liberdade na experiência instintiva. Deste modo, estabelece-se um círculo benigno, que forma a base para a vida do bebê por um longo período”. (1990, p.92)

Se antes a relação com a mãe era parcial, agora a criança é capaz de perceber a mãe como objeto total, como pessoa, o mesmo ocorre consigo mesma, elaborando em si mesma o amor e ódio.

Com a satisfação do impulso, a criança se sente confiante em si própria. Ao mesmo tempo ela reconhece seus ataques destrutivos e é capaz de repará-los.

A partir desta etapa, a criança poderá vivenciar os conflitos edípicos, pois ela alcançou uma identidade unitária, ou seja, integrada num si-mesmo. Ela possui saúde psíquica suficiente para experimentar os conflitos das relações triangulares e interpessoais.

Vale, também, para definirmos alguns conceitos importantes da teoria winnicottiniana, adentrar os conceito de eu (*self*) e falso-eu.

O VERDADEIRO *SELF* E O FALSO *SELF*

Diz WINNICOTT a respeito da palavra *Self*:

Fico pensando se poderia escrever algo a respeito desta palavra, mas naturalmente, assim que me ponho a fazê-lo, descubro que há muita incerteza, mesmo em minha própria mente...Para mim o *self*, que não é o ego, é a pessoa que é eu, que é apenas eu, que possui uma totalidade baseada no funcionamento do processo de maturação. Ao mesmo tempo, o *self* tem partes e, na realidade, é constituído dessas partes. Elas se aglutinam desde uma direção interior para o exterior no curso do funcionamento do processo maturacional, ajudado como deve ser (maximamente no começo) pelo meio ambiente humano que sustenta e maneja e, por uma maneira viva, facilita. O *self* se descobre naturalmente localizado no corpo, mas pode, em certas circunstâncias, dissociar-se do último, ou este dele. O *self* se reconhece essencialmente nos olhos e na

expressão da mãe e no espelho que pode vir a representar o rosto da mãe. O *self* acaba por chegar a um reconhecimento significativo entre a criança e a soma das identificações que (após suficiente incorporação e introjeção de representações mentais) se organizam sob a forma de uma realidade psíquica interna viva. O relacionamento entre o menino ou a menina e suas próprias organizações psíquicas internas se modificam de acordo com as expectativas apresentadas pelo pai e pela mãe e por aqueles que se tornam importantes na vida externa do indivíduo. São o *self* e a vida do *self* que, sozinhos, fazem sentido da ação ou do viver desde o ponto de vista do indivíduo que cresceu até ali e está continuando a crescer, da dependência e da imaturidade para a independência e a capacidade de identificar-se com objetos amorosos maduros, sem a perda da identidade individual. (1970, p.210)

Como visto, o bebê vem ao mundo com a tendência à integração num si-mesmo, que mais tarde será vivenciado como um 'eu'.

Se formos aos primórdios, o *self* tem seu início no potencial herdado e, também, "o *self* verdadeiro provém da vitalidade dos tecidos corporais e da atuação das funções do corpo, incluindo a ação do coração e a respiração" sendo assim, o bebê possui vários *selves* que se aglutinarão no processo de amadurecimento, na sua interação com o ambiente.

Uma vez iniciado o amadurecimento – que não é da ordem do biológico como se fosse uma programação maturacional, mas de conquistas –, o indivíduo é lançado numa indeterminação dos encontros e desencontros da vida, que favorecerão ou não, que suas potencialidades se concretizem.

O gesto espontâneo é o *self* verdadeiro em ação, dando ao bebê/criança/adulto o sentimento de realidade própria. Cabe a mãe propiciar

um ambiente adequado que acolha esse gesto espontâneo para que ele se realize e permita ao bebê ir integrando essas experiências, e continuar sendo.

Se essa mãe/ambiente falhar nessa sintonia às necessidades do bebê este sentirá uma interrupção no seu *continuar sendo*, que será experimentado como ameaça, um bloqueio no seu movimento espontâneo, e dependendo da intensidade da ameaça, essa falha ambiental colocará em risco sua continuidade existencial.

Como falta a proteção necessária do ambiente/mãe, ele irá se defender, com os recursos disponíveis do momento e uma dessas defesas é o desenvolvimento de um falso *self*, que irá proteger o verdadeiro *self*.

Esse falso *self* é reativo aos estímulos externos respondendo às necessidades do ambiente, logo, carecendo de espontaneidade, que, em última instância, é o bloqueio da expressão “real” da criança.

Observa WINNICOTT a respeito do falso *self*: “a criança se desenvolve mais como extensão da casca do que do núcleo”.

Existem graus de falso *self*, podendo num grau elevado comprometer profundamente a comunicação entre o “núcleo e a casca”, porém, no aspecto externo o indivíduo aparentará uma adaptação social. Mas, sua vivência interna, sua realidade subjetiva é de insatisfação generalizada, provocando sentimentos de irrealidade e futilidade como se o que se passa não pertence ao indivíduo.

Num outro grau de falso *self*, essa adaptação não impede a comunicação com o verdadeiro *self* e este pode se expressar espontaneamente, cabendo a esse falso *self* administrar uma vida social polida e amável.

3 MORENO E WINNICOTT - APROXIMAÇÕES

Um encontro de dois: olhos nos olhos, face a face

Moreno

É no brincar, somente no brincar, que o indivíduo pode ser criativo

Winnicott

No primeiro capítulo, apresentou-se a obra de MORENO sobre o papel e a matriz de identidade, e no segundo, a obra de WINNICOTT sobre o amadurecimento pessoal. Neste capítulo serão feitas as aproximações destas obras em torno do eixo: Espontaneidade Criativa e o Gesto Espontâneo; Ego-auxiliar e Mãe Suficientemente Boa; Papel e Verdadeiro e Falso *Self*; e finalmente, Jogo e Brincar; conceitos de MORENO e WINNICOTT, respectivamente.

A ESPONTANEIDADE CRIATIVA (MORENO) E O GESTO ESPONTÂNEO (WINNICOTT)

O ato de nascer já é um novo desafio que o bebê terá pela frente, sair de um ambiente fechado, o útero, para um ambiente aberto. Ele não dispõe de modelo algum com o qual possa dar forma a seus atos, conta apenas com o *fator e*, a espontaneidade. Nessa resposta, por mais incipiente que seja, já existe a marca de uma singularidade. “Dar uma resposta adequada a uma situação nova ou uma resposta nova a uma situação antiga”, é o bordão de MORENO, que atravessa sua obra; e WINNICOTT dirá “cada ser humano cria o mundo de novo e começa o seu trabalho no mínimo tão cedo quanto o momento de seu nascimento e da primeira mamada teórica”. Para ambos, a espontaneidade é inata e fundamental.

O gesto espontâneo surge dos mais primitivos impulsos do corpo vivo do bebê, na musculatura, nos órgãos que ainda estão dispersos, não integrados numa unidade. O trabalho de integração se inicia com os primeiros cuida-

dos da mãe, ou do adulto responsável pelo bebê. O primeiro *holding* é físico, é no segurar, acariciar, no dar o seio que a mãe irá promover as conquistas básicas de integração num si mesmo unitário, da coesão psicossomática e apresentação de objetos, através de uma relação de confiabilidade, de garantia de previsibilidade e segurança.

WINNICOTT afirma que a pessoa mais preparada para desempenhar esses cuidados é a própria mãe que se preparou durante nove meses, e que ele denomina de “preocupação materna primária”, pois, conhece intuitivamente seu bebê. Não que outra pessoa não possa cuidar de maneira adequada, o que ele está frisando é a gestação, um processo intenso de sentimentos fortes e nem sempre agradáveis. Essa experiência é que a capacitará a se identificar com seu bebê numa sintonia muito fina.

Para MORENO, tanto o bebê quanto a mãe estão aquecidos para o nascimento, e questiona o psicanalista OTTO RANK (1884-1939) que usa a expressão “trauma do nascimento” em seu livro de 1923, como se essa experiência fosse abrupta e marcante, pegando o bebê de surpresa.

WINNICOTT, também, não concorda com a “teoria do trauma do nascimento” e afirma que o bebê, juntamente com a mãe, se prepara para o nascimento como parte de um processo gradual que vem ocorrendo. MASUD KHAN, na Introdução do livro de WINNICOTT, diz:

(...) o nascimento não é uma intrusão se a “adaptação ativa do ambiente” cumpre a sua missão ou, melhor dizendo, não é uma intrusão capaz de interromper o processo de continuar a ser: “no nascimento não traumático a reação à intrusão que o parto representa não excede aquela para a qual o feto já está preparado”.
(2000, p.44)

WINNICOTT afirma em toda sua obra o quanto o ambiente é fundamental para criar as condições básicas de integração, de coesão psicossomática e na apresentação dos objetos.

O que difere MORENO de WINNICOTT, no aspecto da compreensão da espontaneidade, é que o primeiro tem suas raízes na dimensão cósmica ou filosófica do hassidismo, que influenciou sobremaneira sua história pessoal, enquanto o segundo é influenciado pelo pragmatismo e calca sua teoria na observação direta dos acontecimentos, tanto da relação mãe e bebê, quanto dos processos analíticos.

MORENO funda sua teoria sobre a espontaneidade a partir do misticismo judaico derivado da Cabala – o hassidismo –; *hassid* quer dizer: piedoso (FONSECA, 1980). No hassidismo, a espontaneidade seria a manifestação de Deus encarnada no homem, a centelha divina. Todo o mundo é Deus e Deus é todo o mundo. Somos criatura e criadores. É o processo de criação que assemelha o homem a Deus.

MORENO, com os trabalhos em grupos de improvisação de histórias com crianças, irá apontar como a sociedade autoritária inibe a espontaneidade, pois encontra na criança saudável o brilho de sua espontaneidade, entretanto com seu crescimento isso vai se apagando. Se a criança nasce espontânea é a sociedade autoritária que a inibe, reprime essa tendência. Essa sociedade é representada, em última instância, pela família que transmite seus valores apresentando-os sob a forma de conservas culturais e de forma impositiva, em detrimento dos processos de criação. Cabe ao psicodrama liberar a espontaneidade criativa libertando o homem de sua doença.

A postura de MORENO é política no sentido de querer transformar a vida em sociedade, pois a considera doente (é bom lembrar que o palco destas afirmações ocorreu na efervescência cultural e política da Europa do início do século XX).

MORENO muda seu enfoque do misticismo para a ciência, com ênfase na sociometria, na psicoterapia de grupo e no psicodrama, quando emigra para os Estados Unidos em 1925, mas mesmo assim seus comentadores – FONSECA (1980); MARTIN (1984); PIERRE WEIL (1974) – apontam para essa marca dos primeiros tempos de sua obra.

WINNICOTT não estava interessado, como foi dito, na questão mística, seu foco era a observação direta dos bebês e da relação com a mãe, e não entra nesse tipo de especulação filosófico-religiosa.

Tem-se em ambos a origem da espontaneidade criativa inerente ao homem e o homem como um ser relacional. MORENO afirma que a pessoa humana é o resultado de forças hereditárias; forças espontâneas; forças sociais e forças ambientais. Será através de papéis, que são padrões de condutas sociais, mas, com uma dimensão pessoal, que o indivíduo se relacionará, desenvolvendo-se em sua matriz de identidade. Inicia-se com os papéis corporais, ou psicossomáticos, depois, a partir da brecha entre a fantasia e realidade, com os papéis psicológicos (fantasia) e sociais (realidade externa). É de ressaltar que o desempenho de papéis está sempre permeado pela espontaneidade; nesse sentido o bebê não recebe nem os papéis corporais nem a realidade externa de maneira passiva, mas, sempre imprimindo um caráter singular, espontâneo. Em WINNICOTT, esse caráter singular chama-se elaboração imaginativa do funcionamento corporal, uma maneira peculiar de tornar próprio seu corpo, criativamente.

WINNICOTT é radical (ir às raízes), quando diz que o início da vida do bebê é de dependência absoluta da provisão ambiental e não há sentido em se falar do bebê individualmente. O fato de ele vir com tendências inatas não garante que elas amadurecerão, daí sua ênfase no ambiente. Afirma (1990) que a adaptação ativa do ambiente às necessidades mais simples do bebê permite-lhe SER sem ter que tomar conhecimento do ambiente. Lentamente ocorre a discriminação entre *eu* e *não-eu*, experiência essa que será sustentada pela mãe/ambiente no tempo. Quanto ao viver criativamente, observa (1975):

Descobrimos que os indivíduos vivem criativamente e sentem que a vida merece ser vivida ou, então que não podem viver criativamente e têm dúvidas sobre o valor do viver. Essa variável nos seres humanos está diretamente relacionada à qualidade e à quantidade das provisões ambientais no começo ou nas fases primitivas da experiência de vida de cada bebê.(p.102)

WINNICOTT apresenta a criatividade como o colorido de toda atitude com relação à realidade externa, que foi conquistada graças à provisão ambiental, ou, aos cuidados maternos suficientemente bons. O gesto espontâneo é o impulso que surge do *self* verdadeiro, ele é primário em oposição a ser reativo ou adaptativo.

A mãe suficientemente boa é aquela capaz de satisfazer esse gesto, acolhê-lo. Como a adaptação é absoluta, não havendo a separação *eu* e *não-eu*, o bebê criará a ilusão de que o que ele necessita, ele cria, e, após várias experiências desta natureza, é-lhe proporcionado a ilusão da onipotência. Essa experiência será um paradoxo, pois o objeto concebido por ele é ao mesmo tempo o objeto percebido, que veio ao seu encontro.

A referência teórica apresentada por WINNICOTT é a seguinte: o bebê sente um desconforto e, na busca de algo, que ele também não sabe o que é, a mãe, plenamente adaptada às necessidades dele, lhe oferecerá o que ele necessita, por exemplo, o seio. Essas experiências darão ao bebê um sentimento de criar aquilo que necessita, de ilusão de onipotência. A mãe possibilitará, com essa prontidão ao bebê, a experiência de criar o mundo; a ilusão básica, que dará ao indivíduo essa *crença em*, uma potência de criação e o sentimento que a vida vale a pena ser vivida.

WINNICOTT aponta a distinção entre o mundo do bebê e o mundo onde os objetos são encontrados e/ou criados, ficando a mãe ora na posição de mãe-ambiente ora na posição de mãe objeto para ser usada.

MORENO não centra sua análise em como se dá o processo de capacitação do bebê em se realizar no mundo, e acredito ser esta uma das contribuições de WINNICOTT para os psicodramatistas, pois permite esmiuçar essa matriz dos processos criativos. MORENO fala de maneira geral no homem espontâneo criativo, o gênio em potencial, e cabe aos pais, os primeiros egos-auxiliares, incentivar essa espontaneidade criadora, mas não entra em detalhes.

Há dois campos teóricos distintos e suas perspectivas abordam o homem em posições diferentes; mesmo assim, pode-se aproximar esse entendimento do potencial humano, *a espontaneidade criadora*, que se realiza nas primeiras relações da mãe com seu bebê, *a matriz de identidade*.

EGO-AUXILIAR / MÃE SUFICIENTEMENTE BOA

Tem-se na obra moreriana o ego-auxiliar como um papel fundamental na terapia psicodramática e que reproduz as experiências da matriz de identidade, ora agindo como complemento do mundo do paciente ora interpolando resistências, apresentando um mundo externo ao desejo do indivíduo.

Os egos-auxiliares são definidos como terapeutas assistentes do terapeuta principal também chamado de diretor, que se relacionam intimamente com o mundo do paciente e têm as seguintes tarefas, conforme KNOBEL (2004):

- Representar os papéis que os pacientes necessitam, encarnando pessoas ausentes. Inicialmente o êxito de sua ação depende da verossimilhança entre seu desempenho e a visão que o paciente tem do indivíduo representado;
- Permitir que o protagonista revele como age no papel complementar ao que interpreta, desvelando a realidade interior do mundo do cliente;
- Conferir múltiplas facetas aos papéis que assumem, suprindo psicodramaticamente as necessidades do paciente, que as figuras de sua vida real não haviam atendido;
- Interpretar os papéis requisitados de forma flexível, com o objetivo de atender tanto às necessidades delirantes do paciente como as suas demandas mais saudáveis;
- Ser capaz de corporificar com rapidez as menores pistas que o paciente oferecer, pois muitas vezes o sucesso do psicodrama depende dessa prontidão e habilidade do ego auxiliar em atender às demandas sutis do doente; e
- Ter sua atuação corrigida pelo próprio paciente, quando não conseguir interpretar os delírios ou alucinações a contento. Nesse

caso, o paciente mostra como quer que o papel seja interpretado e o ego auxiliar repete a ação que lhe foi demonstrada.(p.242)

O ego-auxiliar tem uma dupla função: ser uma extensão ideal das necessidades do paciente (técnica do duplo) e um interprete entre ele e as pessoas do mundo real. Enfim, é um instrumento tanto do diretor quanto do paciente, para facilitar a dramatização e os processos de desempenhos e criações de papéis e suas elaborações.

Nos casos de alguns pacientes psicóticos, MORENO esclarece que não bastam egos-auxiliares, mas que é preciso um *mundo auxiliar*, tamanha a precariedade de sua matriz de identidade. Ele relata (1978):

Existem doentes com os quais as possibilidades de troca são reduzidas ao mínimo. Quanto mais o “eu” é esquemático e incompleto, tanto mais ajuda exterior trazida pelos egos-auxiliares deve ser profunda e precisa. Quanto mais a organização mental do doente está perturbada, tanto mais são importantes as técnicas auxiliares à quais os egos-auxiliares devem recorrer e mais ainda é indispensável a iniciativa do terapeuta (...)
A realidade normal é substituída no paciente psicótico, por idéias delirantes e fenômenos alucinatorios. Mais do que um ego, o doente tem necessidade de um *mundo auxiliar*. (p.277)

O mundo auxiliar de que fala MORENO é o da dependência absoluta em WINNICOTT, o estágio primitivo do desenvolvimento do bebê. Em *A família e o desenvolvimento individual* (2001), WINNICOTT observa :

Nos primórdios, há uma dependência absoluta em relação ao ambiente físico e emocional. No primeiríssi-

mo estágio não há vestígios de uma consciência da dependência, e por isso esta é absoluta. Gradualmente, a dependência torna-se em certa medida conhecida pela criança, que, por conseqüência, adquire a capacidade de fazer saber ao ambiente quando necessita de atenção.(p.6)

É nítida a semelhança entre a dependência absoluta, preconizada por WINNICOTT, e a fase da matriz de identidade, em que não há diferenciação entre o *eu* e *não-eu*; fase esta, aliás, em que o paciente psicótico se encontra, daí a necessidade desse *mundo auxiliar* que MORENO aponta, para possibilitar ao indivíduo, lentamente, diferenciar-se em direção à criação da brecha entre fantasia e realidade.

Em MORENO, o eixo central é o indivíduo inserido num grupo, sendo o papel a forma de ele se relacionar com seus integrantes, a própria rede social, sua matriz de identidade. Para entender os primórdios do desenvolvimento ele utilizará a matriz de identidade como o lugar das primeiras relações que marcarão o indivíduo, dando-lhe um caráter próprio e singular, sendo os pais os egos-auxiliares naturais.

A palavra matriz, do latim *matrix* e do grego *metra*, designa a fonte da vida, o lugar da origem, o útero.

MORENO fala da mãe como ego-auxiliar e facilitador do desenvolvimento do bebê, mas não se atém aos detalhes de como esse ego-auxiliar pode favorecer as conquistas do bebê, como faz WINNICOTT. Mas pode-se entender que, em MORENO, o ego-auxiliar irá propiciar o ambiente necessário para o desenvolvimento do bebê. O ego-auxiliar tem as características de cuidar, proteger e possibilitar o desenvolvimento dos diversos papéis do indivíduo.

Se, como visto anteriormente, o ego-auxiliar tem como função criar um ambiente ideal para satisfazer as necessidades do bebê e, também, apresentar-lhe o mundo, sendo um intérprete, tem-se outra aproximação das teorias: quando MORENO fala em criar um ambiente, em WINNICOTT tem-se a mãe como ambiente; e quando fala de apresentar-lhe o mundo, tem-se em WINNICOTT a apresentação de objetos.

As técnicas que MORENO desenvolveu a partir da matriz de identidade são: o duplo, o espelho e a inversão de identidade, e servem para o terapeuta, no tratamento do paciente, ajudar na rematrização, ou seja, para corrigir as distorções vividas, tanto de modelos doentios (transferenciais), como na carência de papéis, favorecendo as relações télicas em detrimento das transferências.

WINNICOTT se utiliza também da expressão ego-auxiliar, no seguinte sentido:

Nós agora vemos o ego da criança como algo dependente inicialmente de um ego-auxiliar, algo que aproveita a estrutura e a força do sistema altamente complexo e sutil de adaptação às necessidades, sendo essa adaptação suprida pela mãe ou pela substituta da mãe. Vemos também o interessante processo de absorção, na criança, dos elementos do cuidado com a criança, aqueles que poderiam ser chamados de elementos do “ego-auxiliar”. (1990 p. 116)

WINNICOTT está profundamente interessado na dupla mãe/bebê, tanto que, como citado no segundo capítulo deste trabalho, ele “brincou” afirmando que não existe isso a que chamamos de bebê, pois onde há um bebê sempre

estará junto um cuidador, tamanha a dependência nos primeiros anos de vida do lactente.

O ego-auxiliar, a mãe, é uma parte imprescindível da relação do bebê e só sob seus cuidados ele poderá amadurecer e integrar-se num si mesmo unitário, elaborando imaginativamente seu corpo, personalizando-se. Haverá uma coesão psicossomática e ele se relacionará com a realidade compartilhada. Toda a ênfase de WINNICOTT é com o estabelecimento desta relação, de como a mãe capacita o bebê a se realizar, no sentido de tornar-se real.

PAPEL / VERDADEIRO E FALSO SELF

MORENO se utiliza da expressão artística do teatro e faz a crítica ao teatro tradicional, que trabalha com o ator que representa o texto do dramaturgo, em contraponto ao ator que se representa; o ator autor de si mesmo, do teatro espontâneo. Para NAFFAH (1979):

Em princípio, o teatro representou, pois, a matriz e o *locus* do projeto moreriano; nada mais lógico que o conceito de papel viesse a ser uma das pedras fundamentais da experiência, posteriormente tematizada e teorizada.

Inserindo-se, assim, no espaço do teatro, uma das primeiras comprovações de Moreno é a do conflito existente entre o papel dramático e a pessoa privada do ator, conflito este proposto e mantido por todas as formas de teatro tradicional. (p.175)

MORENO estava apontando para a alienação do homem na representação dos papéis pré-definidos pelo dramaturgo. Ele via um conflito primário

entre papel e pessoa, entre os arranjos sociais e os espontâneos. As pessoas não eram autores dos dramas. O teatro espontâneo iria propor uma maneira de romper com essa separação entre o público e o privado. Posteriormente, com o teatro terapêutico, será possível essa junção do social e do individual na dramatização dos temas sociais e nas vivências específicas e particulares dos atores, com esses representando suas próprias vidas.

MORENO busca com o teatro terapêutico potencializar o homem como agente transformador responsável pela sua história, o homem espontâneo-criativo, que na ação transforma e se transforma.

O psicodrama surgiu com o grupo (o teatro é emblemático) e suas ferramentas foram desenvolvidas a partir deste referencial. Com o passar do tempo, muitos terapeutas, por várias razões, foram desenvolvendo instrumentos para a terapia bi-pessoal, mas sua matriz é o grupo.

Como visto, no início do desenvolvimento do bebê tem-se uma unidade total, indiferenciada, não havendo a separação *eu-tu*, depois haverá o reconhecimento do eu, que basicamente é corporal, e, posteriormente, sua atenção estará voltada para a discriminação do tu, até ocorrer a inversão de identidade, ou seja, colocar-se no lugar do outro emocionalmente. Esses estágios não acontecem de uma só vez e não são puros, mas são idas e vindas e estão relacionados aos infinitos papéis que o indivíduo tem para desenvolver durante sua vida. A mãe, ego-auxiliar da criança, coloca sua maturidade a serviço do desenvolvimento da criança.

Nesse sentido, a criança poderá se desenvolver de maneira espontânea e criativa e terá uma relação com a vida na posição de agente e não apenas submissa às condições sociais, irá se relacionar com a vida transformando-a

e se transformando, com um senso de potência. O verdadeiro *self* é o espontâneo, o de criação (de dentro para fora); o falso *self* é o reativo (de fora para dentro), que apenas reproduz as conservas culturais, o homem massificado.

MORENO refere-se ao grau de espontaneidade na relação do indivíduo com o papel, que vai da adoção de papéis, que seria uma mera repetição com um grau mínimo de espontaneidade; em seguida, à representação de papéis, que já pressupõe um grau maior de espontaneidade; e finalmente, à criação de papéis, o grau máximo de espontaneidade. Pode-se concluir, então, que quanto maior a espontaneidade maior o sentimento de verdadeiro *eu (self)*.

Em WINNICOTT a espontaneidade também é primária; para tanto ele menciona o gesto espontâneo que surge no bebê e que a mãe, por estar devotada a ele, acolherá, mais ainda, irá oferecer ao bebê o que ele necessita, dando a este a ilusão da onipotência, de ter criado justamente aquilo que necessitava. Esses gestos da mãe propiciarão experiências ao bebê, que lhe darão o sentimento de potência criativa, de que a vida “vale a pena ser vivida”. Acrescenta ele (1990):

No estágio inicial o *self* verdadeiro é a posição teórica de onde vem o gesto espontâneo e a idéia pessoal. O gesto espontâneo é o *self* verdadeiro em ação. Somente o *self* verdadeiro pode ser criativo e se sentir real. Enquanto o *self* verdadeiro é sentido como real, a existência do falso *self* resulta em uma sensação de irrealidade e em um sentimento de futilidade. (p.135)

O *self* verdadeiro é o lugar de onde brota a espontaneidade e que se torna o centro das ações do indivíduo, o torna real. DIAS (1998), em sua tese de doutorado, observa:

Há uma tendência a se pensar o verdadeiro si-mesmo em termos positivos, algo que consistira num segredo por exemplo, ou um traço recalcado, incrustado no âmago ou numa entidade inconsciente do indivíduo. Não se trata de nenhuma dessas coisas. O verdadeiro si-mesmo não é algo que se possa falar em termos positivos ou de um conteúdo objetal. Winnicott diz que não há sentido na formulação da idéia do si mesmo verdadeiro a não ser para o propósito de tentar compreender o falso si-mesmo, uma vez que ele nada mais faz do que reunir os pormenores da experiência do viver. O verdadeiro si-mesmo é a fonte, o lugar de origem da espontaneidade básica, da tendência à integração, do movimento na direção da desocultação do que pode vir-a-ser, da capacidade criativa que se manifesta como expressão de si-mesmo. O verdadeiro si-mesmo só se torna uma realidade viva por causa da adaptação suficientemente boa da mãe às necessidades do lactente e como resultado do êxito repetido da mãe em responder ao gesto espontâneo. (p.324)

O núcleo do *self* verdadeiro emana da vida da qual estão dotados todos os tecidos do corpo e da ação das funções corporais, sendo seus movimentos de dentro para fora. A função da mãe/ambiente é acolher o gesto espontâneo do bebê, para que ele experimente a criação do mundo. Posteriormente é que haverá a desilusão, no tempo em que o bebê já consegue suportar a diminuição de sua onipotência.

Se a mãe não cuidar para que se instale essa *crença em*, ou seja, que o bebê tem uma contribuição a oferecer à vida, ele viverá a interrupção de seu *continuar sendo* tendo que se preocupar com a intrusão do ambiente, defendendo-se e bloqueando seu processo de amadurecimento. Se essa resposta se tornar um padrão, o bebê acabará por desenvolver um falso *self*, uma forma de proteger seu núcleo verdadeiro. Ele poderá ter um relativo sucesso na vida, até porque seu comportamento estará voltado para satisfazer às necessidades externas, mas com o intuito de não expor seu verdadeiro *self*. Num grau extremado, ele perderá o contato com os gestos espontâneos, o núcleo constitutivo do si-mesmo, e terá a sensação de irrealidade, que tudo é externo a si-mesmo e que, por isso, nada tem valor.

Observam-se, então, graus de falso *self*:

- Em um extremo, o falso *self* se implanta como real, ficando o verdadeiro oculto com mínima expressão.
- Menos no extremo, tem-se o falso *self* defendendo o verdadeiro, mas ele é percebido como potencial e lhe é permitido ter uma vida secreta.
- Mais próximo da normalidade, tem-se o falso *self* com o interesse principal de procurar as condições para que se torne possível ao verdadeiro emergir, e também como responsável pela organização da atitude social amável, as boas maneiras.

É interessante o comentário de WINNICOTT (1990) sobre dois tipos de artista e as relações entre verdadeiro e falso *self*:

Neste sentido, é possível dizer que existem dois tipos de artista. Um deles trabalha primeiramente a partir do falso *self*, aquele que, com extrema facilidade, produz uma representação exata de uma amostra da realidade externa.

O artista utiliza essa habilidade, e em seguida ocorre a tentativa do verdadeiro *self* no interior do artista de relacionar esta primeira impressão exata aos fenômenos brutos que constituem a vivacidade dentro do verdadeiro *self* secreto. Se for bem-sucedido, o artista não apenas produziu algo reconhecível por outros, mas também algo que é característico do seu verdadeiro *self*; o produto final tem valor porque podemos apreciar a luta que se travou dentro do artista para aproximar elementos originalmente tão separados. Quando um artista se notabiliza especialmente por sua habilidade técnica, utilizamos o termo “facilidade” e falamos de um virtuose.

Em contraste com isso, há um outro tipo de artista que inicia o seu trabalho com a representação bruta dos fenômenos secretos do *self* ou da vivacidade pessoal, que para ele é repleta de significados, mas que num primeiro momento não tem sentido para os outros. A tarefa do artista, neste caso, é a de tornar inteligíveis as suas representações inteiramente pessoais, e para fazê-lo ele deve até certo ponto trair a si próprio. Suas criações artísticas lhe parecerão sempre um tanto fracassadas, independentemente do quanto elas sejam apreciadas pelo seu círculo social, na verdade, se elas forem apreciadas em excesso, o artista poderá retrair-se inteiramente, pela sensação de ter sido falso para com seu verdadeiro *self*. Aqui, novamente, o maior êxito do artista é seu trabalho de integração dos dois selves. O artista do primeiro tipo é apreciado por pessoas que precisam entrar em contato com seus impulsos mais primitivos, enquanto o do segundo tipo é apreciado por pessoas retraídas, aliviadas por encontrar algum (não demasiado) compartilhamento daquilo que é basicamente pessoal e essencialmente secreto. (p.129-30)

E, sobre falso *self* e ser ator, WINNICOTT, em *O ambiente e os processos de maturação* (1990), dirá que há aqueles indivíduos que podem ser eles mesmos e também representar; e que há outros que só podem representar e ficam perdidos quando não podem fazê-lo, por terem pouco contato com o verdadeiro *self*, que é o lugar da experiência de que a vida vale a pena ser vivida.

O ser ator, neste caso, é a extensão da casca e não do centro; tomando-se a analogia de WINNICOTT, sua conexão com a espontaneidade é pouca, ficando o indivíduo preso a uma armadilha onde seu “eu” fica determinado pelos movimentos dos outros, e quando esses não o reconhecem, seu sentimento de identidade é vacilante.

No dizer de NAFFAH (2005):

(...)muito antes de o bebê constituir-se como um si próprio, um self unificado e coeso, ele já se define por um estilo próprio de estar no mundo. Ou seja, o “próprio” precede o “si”, constituído pela maneira peculiar e única que o bebê possui de aglutinar uma herança biológica e articulá-la de forma viva frente àquele ambiente singular. Esse “próprio”, inicialmente incipiente, fragmentário, que Winnicott denomina de *gesto espontâneo* ou *criatividade* (no seu sentido mais primário), constitui o eixo principal que definirá a singularidade daquele ser humano durante toda a sua vida e, no melhor dos casos, o núcleo de onde ele se desenvolverá rumo a maturidade. A interação entre essa criatividade primária do bebê e o que o mundo tem a lhe oferecer produz *experiência*, a noção mais fundamental a todo o pensamento de Winnicott, já que é dela que toda a sua psicanálise será descrita*. (* “a experiência é um tráfegar cons-

tante na ilusão, uma repetida procura da interação entre a criatividade e aquilo que o mundo tem a oferecer”). (O gesto espontâneo -1990 p. 38).

Na perspectiva de WINNICOTT, tem-se no falso *self* uma função defensiva e protetora; enquanto no papel de MORENO, fala-se de rigidez *versus* plasticidade. Ou ainda, o *self* é uma tendência à integração, um centro; o papel é periférico e múltiplo.

JOGO / BRINCAR

Antes de se falar especificamente do jogo e do brincar em MORENO e em WINNICOTT, faz-se necessário apresentar um pequeno inventário dos jogos de dois estudiosos europeus importantes: JOHAN HUIZINGA (1872-1945), filósofo e historiador, em seu livro *Homo Ludens*, de 1938, e ROGER CAILLOIS (1913-1978), cientista social, com *Os jogos e os Homens* de 1958, que caracterizam os jogos na História.

HUIZINGA (in FREIRE, 2002) estabelece as seguintes características para jogo:

- Forma de manipulação da realidade
- Voluntário
- Absorve inteiramente o jogadores
- Acontece num campo delimitado e imaginário
- Organizado a partir de regras
- Fixa-se como fenômeno cultural
- Possibilita repetição
- Cria ordem
- Apresenta valores éticos e sagrados
- Propicia um ambiente instável
- Tem regras construídas

- Seu ritmo e harmonia são extremamente cativantes
- Gera tensão, incerteza, acaso, imprevisibilidade
- Promove liberdade
- Não é vida corrente nem real
- Gera alegria
- Aglutina pessoas mesmo após seu término
- É limitado no espaço e no tempo
- Frivolidade e êxtase como pólos limitadores
- Características lúdicas

HUIZINGA (1996) define, ainda, jogo como:

(...) uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da 'vida cotidiana'. (p.33)

É bastante interessante as observações de HUIZINGA sobre a transformação da palavra 'jogo', do latim *ludus*, com as acepções de: jogos infantis, recreação, competições, representações litúrgicas e teatrais, e jogos de azar. Os compostos *alludo*, *colludo*, *illudo* apontam para o significado de irreal, ilusório, de simulação. Com o tempo, *ludus* foi suplantado por *jocus* cujo sentido é gracejar, troçar, e foi ampliado para o jogo em geral. No francês tem-se *jeu*, *jouer*; no italiano, *gioco*, *giocare*; no inglês, *play*, *game*; no espanhol, *juego*, *jugar*; e no português, jogo, jogar (p.42)

Esse apanhado das transformações da palavra *jogo* através do tempo permite entender o jogo como uma atividade lúdica, ou seja, de ilusão e excitante, e que opera num lugar (tempo e espaço) que engloba os aspectos da imaginação da fantasia (subjetividade), mas, ao mesmo tempo, com regras

rígidas (objetividade) aceitas voluntariamente. Une imaginação, aceitação e norma.

A própria palavra, que é um símbolo, já é uma espécie de jogo, pois está inserida num contexto, a linguagem simbólica, pela qual, por convenção, representa-se, interpreta-se o mundo. HUIZINGA se refere, assim, à linguagem e ao jogo:

As grandes atividades da sociedade humana são, desde o início, inteiramente marcadas pelo jogo. Como, por exemplo, no caso da linguagem, esse primeiro e supremo instrumento que o homem forjou a fim de poder comunicar, ensinar e comandar. É a linguagem que lhe permite distinguir as coisas, defini-las e constatá-las, em resumo, designá-las, e com essa designação elevá-las ao domínio do espírito. Na criação da fala e da linguagem, brincando com essa maravilhosa faculdade de designar, é como se o espírito estivesse constantemente saltando entre a matéria e as coisas pensadas. Por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras. Assim, ao dar expressão à vida, o homem cria um outro mundo, um mundo poético, ao lado do da natureza. (p.7)

CAILLOS (in FREIRE, 2002) apresenta as características do jogo, assim:

- O jogo é demonstração de superioridade;
- O prazer do jogo advém do desafio
- O jogo implica perigo
- O jogo evoca, por igual, as
- Acaso
- Limite entre prudência e audácia
- Regras arbitrarias, imperativas, e inapeláveis
- Facilidade dos movimentos
- Noções de totalidade, regras, li-

- idéias de facilidade, risco ou habilidade;
 - Opões-se ao caráter sério da vida (brinca com o real)
 - Vontade de ganhar
 - Risco
 - Destreza
 - Inteligência
- berdade
 - Depois do jogo tudo volta ao normal
 - Jogo é ocasião de gasto total: tempo, energia, engenho, destreza
 - Livre, voluntário, fonte de alegria e divertimento
 - O jogo é o sentido dele próprio

CAILLOIS (1990, p.29-30) define o jogo como uma atividade essencialmente: *livre* – uma vez que, se o jogador fosse a ela obrigado, o jogo perderia de imediato a sua natureza de diversão atraente e alegre; *delimitada* – circunscrita a limites de espaço e de tempo, rigorosa e previamente estabelecidos; *incerta* – visto que o seu desenrolar não pode ser determinado, nem o resultado obtido previamente, pois é obrigatoriamente deixada à iniciativa do jogador uma certa liberdade na necessidade de inventar; *improdutiva* – porque não gera nem bens, nem riqueza, nem elementos novos de espécie alguma; e, salvo alteração de propriedade no interior do círculo dos jogadores, conduz a uma situação idêntica à do início da partida.; *regulamentada* – sujeita a convenções que suspendem as leis normais e que instaram momentaneamente uma legislação nova, a única que conta; e *fictícia* – acompanhada de uma consciência específica de uma realidade outra, ou de franca irrealidade em relação à vida normal.

E divide os jogos em quatro modalidades (p.77):

- Competição*: as atividades desportivas;
- Sorte*: loterias, casinos, hipismo etc.;
- Simulacro*: teatro, carnaval, cinema, culto da vedeta;
- Vertigem*: alpinismo, *ski*, acrobacias, de velocidade.

MORENO (1974) apoiou toda sua obra sobre a idéia de jogo e, mais especificamente, sobre o jogo de simulação que é o teatro; diz ele sobre o jogo:

Historicamente o psicodrama se origina dos princípios do jogo. A brincadeira sempre existiu, é mais velha que a humanidade, acompanhou a vida do organismo vivo como uma manifestação de exuberância, nível precursor de seu crescimento e desenvolvimento. Em nossa cultura foram principalmente Rousseau, Pestalozzi e Froebel que chamaram nossa atenção para o valor educacional da brincadeira. Mas uma nova visão do jogo surgiu, quando começamos a brincar nos jardins de Viena, nos anos que precederam a explosão da Primeira Guerra Mundial: o brinquedo como princípio de autotratamento e terapia de grupo como forma de vivência original. Assim, o jogo não é mais visto como um epifenômeno, acompanhando e apoiando metas biológicas, mas como um fenômeno *sui generis*, um fator positivo ligado à espontaneidade e criatividade. O jogo foi para nós, progressivamente, libertado de suas ligações metafísicas, metabiológicas, e metapsicológicas e transformado em um princípio metódico e sistemático. Como tal, a idéia de jogo conduziu a uma unidade nova e totalmente abrangente. Essa idéia nos levou ao “teatro de improvisação” e mais tarde ao teatro terapêutico, que atingiu seu ponto mais alto, em nossos dias, na inversão de papéis, no psicodrama e no sociodrama.(p.110)

MORENO é claro sobre a importância do jogo como autotratamento e como o psicodrama foi sistematizando essa ferramenta com a intenção de desenvolver a espontaneidade criativa nas pessoas. Toda sua experiência

com os grupos de crianças e adultos com o teatro de improviso, irá sedimentar o caminho para o uso das técnicas do teatro para a psicoterapia. Ou seja, a matriz do psicodrama é o jogo, sendo o teatro a área do jogo que se refere à simulação (ilusão) – segundo o critério de divisão proposto por ROGER CAILLOIS (1990).

Vê-se o entendimento de MORENO (1978) sobre a matriz de identidade, quando se estabelece o momento da *brecha entre fantasia e realidade*; assim, ele explica:

A criança pequena começa desenvolvendo dois caminhos emocionais em seu universo. Eles podem ocorrer independentemente, sem que nunca se encontrem de novo. Assim, a criança viverá em duas dimensões ao mesmo tempo, uma real, outra irreal, sem ser perturbada pela divisão; ou pode acontecer que os dois caminhos, A e B, se esforcem, de tempos em tempo, por unir-se, restabelecendo o seu *status* original. Esses esforços podem provocar colisões entre os dois caminhos, produzir bloqueios e levar o fluxo de espontaneidade à inércia. É esta última coisa o que realmente acontece à personalidade humana. Enquanto vive, o homem tenta eliminar a brecha original e porque, em princípio, não tem êxito, a personalidade humana, mesmo seus exemplares mais integrados, possui um toque trágico de relativa imperfeição. Existe essa contínua luta no íntimo do indivíduo, ao tentar manter um equilíbrio entre esses dois diferentes caminhos, nos quais a sua espontaneidade tenta fluir.(p.124)

[E continua] Da brecha entre a realidade e a fantasia surgem dois novos conjuntos de papéis. Enquanto a brecha não existia, todos os componentes reais e fan-

tásticos, estavam fundidos num só conjunto de papéis psicossomáticos (...) Mas, da divisão do universo em fenômenos reais e fictícios, surgem gradualmente um mundo social e um mundo psicossomático na matriz de identidade. Estão agora surgindo formas de representação de papéis que correlacionam a criança com pessoas, coisas e metas no ambiente real, exterior a si mesma, e a pessoa, objeto e metas que ela imagina estar fora de si mesma. Dá-lhe o nome, respectivamente, de papéis sociais (o pai) e papéis psicodramáticos (o deus). (p.124-125)

Os papéis surgem a partir das relações, mas MORENO não aponta quais são os elementos facilitadores para que esses processos ocorram. Nos dá a impressão de que surgem “naturalmente”. Ele se preocupa com a descrição do processo da brecha a partir dos papéis psicossomáticos, onde são discriminadas a realidade e a fantasia, que neles estavam fundidos.

Mas cabe perguntar: o que é preciso para que essa separação possa ocorrer e o que a dificulta? MORENO não aprofunda essas idéias, apesar de apontar que no início da vida do bebê a mãe é seu ego-auxiliar e cabe a ela ajudá-lo em seu crescimento.

Acredita-se que a contribuição de WINNICOTT para o psicodramatista é seu conceito de área intermediária (transicional) onde é possível a vivência do paradoxo em que se dá a sobreposição da fantasia e da realidade, ou, com suas palavras, “a justaposição do objeto subjetivamente concebido e o objeto objetivamente percebido”.

MORENO fala do palco psicodramático e da realidade do “como se”. No palco, a pessoa experimenta atuar seu mundo interno, o “*acting out*”, o deixar

as fantasias se apresentarem “como se” fossem a realidade, uma realidade subjetiva diferente da realidade objetiva ou compartilhada.

Relata MORENO (1978) sobre “*acting out*”:

Todo o problema do não-envolvimento tem suas raízes na atitude original de muitos dos primeiros psicanalistas – o temor ao amor direto ou à hostilidade direta -, o seu receio da passagem ao ato dos pacientes em relação a eles e da passagem ao ato dos psicanalistas em relação aos pacientes. Neste caso, a confusão é particularmente aumentada pelos outros significados atribuídos à expressão “passagem ao ato” (*acting out*). Quando introduzi esse termo (1928), quis dizer passar para fora aquilo que está dentro do paciente, em contraste com a representação de um papel que é atribuído ao paciente por uma pessoa de fora. Não quis dizer com isso que deveria ser impedida essa passagem ao ato porque camuflava uma forma de resistência do paciente (ponto de vista psicanalítico). Eu quis dizer justamente o contrário – que a passagem ao ato era necessária por expressar importantes experiências do paciente que de outro modo permaneceriam ocultas e difíceis, quando não impossíveis, de interpretar. No pensamento psicodramático, o atuar desde dentro, ou passar ao ato, é uma fase necessária no avanço da terapia; proporciona ao terapeuta uma oportunidade para avaliar o comportamento do paciente e, além disso, confere também ao paciente a possibilidade de avaliá-lo por si mesmo (introversão da ação). (p.34)

E acrescenta (1974):

(...) Portanto, é aconselhável diferenciar entre *formas controláveis de acting out* que ocorrem no âmbito de trabalho da situação terapêutica, a qual é dotada de um fim construtivo, e *acting out irracionais e incontroláveis* fora da mesma. Ao tornar as técnicas de *acting out* oficiais e legítimas como parte da terapia, o paciente irá esperar pela oportunidade de atuar em frente ao terapeuta as várias fantasias e planos que no momento lhe são urgentes, ao invés de frustrá-los e transformá-los em resistência contra a cura. O objetivo dos métodos terapêuticos deve ser o de fornecer aos pacientes uma variedade de situações flexíveis capazes de configurar o caráter “multidimensional” da vida. (p.114)

É interessante essa observação de MORENO, que lança um novo olhar para o trabalho com pacientes psicóticos, que atuam todo o tempo em que estão em surto, não discriminando fantasia e realidade, mas vivendo apenas uma realidade total. MORENO, nesses casos, fala que os egos-auxiliares têm um papel de *mundo auxiliar*, para que lentamente o paciente possa ir discriminando os elementos externos à sua fantasia. O *setting* psicodramático facilita esse tipo intervenção com pacientes psicóticos que, para a psicanálise tradicional (divã), é praticamente impossível.

WINNICOTT questiona também o engessamento da técnica tradicional, quando se trata de pacientes com necessidades específicas. Há várias sessões relatadas por ele, de três horas, uma vez por mês, e o emprego da técnica do rabisco, entre outras; sessões onde o tempo e o *setting* tradicionais eram alterados tendo como foco a necessidade do paciente.

Nesse sentido, o psicodrama facilita o espaço potencial, o lugar que favorece a conexão da realidade interna (fantasia) com a realidade externa (social), via ação psicodramática, num contexto de jogo, no poder experimentar as realidades subjetiva e objetiva, ao mesmo tempo, num ambiente especializado (de *holding*). Diz MORENO (1978): “O espaço do palco é extensão da vida, além da realidade do próprio teste da vida. Realidade e a fantasia não estão em conflito, porém, ambas as funções dentro da esfera mais ampla - o mundo psicodramático de objetos, pessoas e acontecimentos”(MORENO, in CUKIER, p.199)

Pode-se perceber que MORENO utiliza o jogo (teatro) como ferramenta psicoterápica, e toda sua obra tem suas bases na ação da representação e seus efeitos terapêuticos e em reavivar a espontaneidade no indivíduo ou nos grupos.

Por sua vez, WINNICOTT aprofunda o campo teórico do brincar e, como ele próprio comenta, foi a partir da compreensão dos fenômenos transicionais que ele pode chegar ao brincar como uma atividade profundamente terapêutica em si mesma.

Esclarece ele(1975):

O brincar só pode vir a partir do funcionamento amorfo e desconexo ou, talvez do brincar rudimentar, como se numa zona neutra. E apenas aqui, nesse estado não integrado da personalidade, que o criativo, tal como o descrevemos, pode emergir. Refletido de volta, mas apenas nesse caso, torna-se parte da personalidade individual organizada e, no conjunto, acaba por fazer o indivíduo ser, ser encon-

trado, e acaba por permitir que postule a existência do eu (self).

Isso nos dá indicação para o procedimento terapêutico: propiciar oportunidade para a experiência, amorfa e para os impulsos criativos, motores e sensoriais, que constituem a matéria-prima do brincar. É com base no brincar, que se constrói a totalidade da existência experiencial do homem. Não somos mais introvertidos ou extrovertidos. Experimentamos a vida na área dos fenômenos transicionais, no excitante entrelaçamento da subjetividade e da observação objetiva, e numa área intermediária entre a realidade interna do indivíduo e a realidade compartilhada do mundo externo aos indivíduos. (p.92)

É nesse espaço do brincar que se origina a atividade criativa e a construção/ busca do eu (*self*), a expressão do *eu sou, eu estou vivo, eu sou eu mesmo*, que só é possível onde a ação se torna criativa. Para que o brincar ocorra, na concepção winnicotiana, são necessárias as seguintes condições:

- relaxamento em condições de confiança baseada na experiência;
- atividade criativa, física e mental, manifestada na brincadeira;
- a somação dessas experiências formando a base do sentimento do eu (*self*).

Para o autor, nos estágios iniciais do processo de amadurecimento individual, o ambiente tem uma importância fundamental, para que o bebê possa realizar a tendência à integração num si-mesmo unitário.

Ele aponta a construção da realidade subjetiva, quando o bebê através do gesto espontâneo busca algo que ele não sabe ainda o que é, e a mãe, como sua adaptação ativa, que o autor chama de “preocupação materna primária”, apresenta o seio, e após várias experiências isso vai criando a ilusão,

no bebê, de ter criado aquilo que necessitava. É o surgimento do objeto subjetivo e a experiência de onipotência.

Para WINNICOTT existem: a condição de sujeito (fantasias inconscientes), a ilusão da invenção do mundo e o comportamento do ambiente. No caso da ilusão, ela é criada no espaço (hipotético) entre o bebê e a mãe, numa área neutra de experiência que não será contestada com a pergunta “o bebê criou o seio ou veio do exterior?”. Será uma área intermediária entre o objeto subjetivamente concebido e o objeto objetivamente percebido, que mais tarde WINNICOTT chamará de espaço potencial, o lugar entre o indivíduo e o ambiente. Diz ele: quanto ao “espaço potencial existente entre o bebê e a mãe. Refiro-me à área hipotética que existe (mas pode não existir) entre o bebê e o objeto (mãe ou parte desta) durante a fase do repúdio do objeto como não-eu, isto é, ao final da fase de estar fundido ao objeto” (1975, p.149).

Essa experiência primitiva, do espaço potencial, é o terreno do jogo (*playing* por oposição a *game*), onde existe a tensão do paradoxo, que não conhece o princípio da não-contradição, ou seja, não é necessária uma resolução se é interno ou externo. Nesse lugar as fronteiras são indeterminadas, e no brincar tem-se a experiência do interior e do exterior em intercâmbio, possibilitando ao indivíduo esse lugar privilegiado de criação.

Para a criança controlar o que está fora, é necessário fazer coisas, experimentar, e não apenas pensar ou desejar. Fazer coisas é sempre no tempo e no espaço, eis o brincar. Afirma WINNICOTT (1975):

Os objetos transicionais e os fenômenos transicionais pertencem ao domínio da ilusão que está na base do início da experiência. Esse primeiro estágio do desenvolvimento é tornado possível pela capacidade especial, por parte da

mãe, de efetuar adaptações às necessidades de seu bebê, permitindo-lhe assim a ilusão de que aquilo que ele cria existe realmente.

Essa área intermediária de experiência, incontestada quanto a pertencer à realidade interna ou externa (compartilhada), constitui a parte maior da experiência do bebê e, através da vida, é conservada na experimentação intensa que diz respeito às artes, à religião, ao viver imaginativo e ao trabalho científico criador.(p. 30)

WINNICOTT, com o conceito de espaço potencial, procura entender o caráter da tensão eu / não-eu; aproximação/distanciamento; união e separação; própria do desenvolvimento da criança. É o movimento que vai da identificação total com o objeto até a aceitação do objeto independente do indivíduo.

A separação do eu e não-eu, que só é possível com a confiança do ambiente, é sustentado pela crença em, pela ilusão. O espaço potencial é o lugar onde se dá não somente o jogo criativo nos primórdios da vida, mas também o uso de símbolos, a mediação pela linguagem, e tudo o que constitui em grande parte a vida cultural, principalmente nas religiões ou nas artes, em que o indivíduo não é chamado a discriminar fatos e fantasias.

O estágio seguinte é o ficar sozinho na presença de alguém. A criança agora está brincando com base na suposição de que a pessoa a quem ama e que, portanto, é digna de confiança e lhe dá segurança, está disponível quando é lembrada, após ter sido esquecida.

Para WINNICOTT, o brincar por si só é uma psicoterapia, onde a criança experimenta de uma maneira criativa o contato com a realidade objetivamente percebida. É no brincar que a criança/adulto manifesta sua criatividade e, conseqüentemente, afirma seu *self*.

No brincar sempre há confiança e relaxamento que possibilitam o contato com materiais dispersos do mundo interno, sem a necessidade de organização coerente. Nesse aspecto, WINNICOTT fala do momento da interpretação, no qual o terapeuta, se não estiver sintonizado ao amadurecimento do material no indivíduo, estará doutrinando e produzindo submissão, algo vindo de fora para dentro. Para WINNICOTT (1975) o procedimento terapêutico é:

Propiciar oportunidade para a experiência amorfa e para os impulsos criativos, motores e sensoriais, que constituem a matéria-prima do brincar. É com base no brincar, que se constrói a totalidade da existência experiencial do homem. Não somos mais introvertidos ou extrovertidos. Experimentamos a vida na área dos fenômenos transicionais, no excitante entrelaçamento da subjetividade e da observação objetiva, e uma área intermediária entre a realidade interna do indivíduo e a realidade compartilhada do mundo externos aos indivíduos.(p.93)

Assim, continua:

(...) a psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas. Em consequência, onde o brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é dirigido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que o é. (p.59)

Como se pode observar, há uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado, e deste para as experiências culturais.

4 APONTAMENTOS DE UM EXERCÍCIO- 'PSICODRAMA DE ADOLF HITLER'

A PSICOSE PARA MORENO E PARA WINNICOTT

Todos temos duas vidas,
uma que sonhamos,
a outra que vivemos.
FERNANDO PESSOA

Aborda-se neste capítulo o entendimento da psicose tanto em MORENO como em WINNICOTT, tecendo-se algumas considerações que os autores e seus comentadores fizeram a respeito deste complexo tema, uma vez que irei utilizar o '*Psicodrama de Adolf Hitler*' para fazer alguns apontamentos referentes aos conceitos comentados no capítulo anterior. O protocolo escolhido trata do atendimento que MORENO realizou com um paciente psicótico, que se julgava ser *Adolf Hitler*, e que procurou por ele no início da Segunda Guerra Mundial. O texto do protocolo de atendimento foi extraído de *Progress in Psychotherapy*, editado por FRIEDA FROMM-REICHMANN e J. L. MORENO, em 1956, e reproduzido mais tarde em *Fundamentos do Psicodrama* (MORENO, 1983). O texto integral se encontra no Anexo desta Dissertação.

A PSICOSE PARA MORENO

No psicótico ocorre a ruptura dos limites entre fantasia e real, ficando o indivíduo numa única realidade, a do surto (imaginário). As figuras internas são concretizadas e exteriorizadas. Se o papel do terapeuta para o paciente neurótico (não psicótico) é ser o condutor entre o real e o imaginário, para com o psicótico é ajudá-lo a discriminar esses dois níveis. Para o psicótico

(em surto), o palco e a vida estão no mesmo nível, não há o “como se” do palco, o lugar da fantasia, tudo é só uma realidade.

Tomando-se como referência a matriz de identidade, o psicótico está preso na fase da matriz de identidade total, onde há muito pouca discriminação entre o eu e os objetos e pessoas, entre real e imaginário. Assim, MORENO denomina a psicose “síndrome de atuação” e desenvolve a técnica do “*acting out*”, ou passagem para o ato, que tem como objetivo auxiliar o paciente a vivenciar no palco seus delírios e criar condições graduais de discriminar fantasia e realidade. É interessante o comentário de MORENO, para quem *acting out* é “agir de dentro para fora”, que se assemelha à própria etimologia de espontaneidade, e que, segundo essa técnica, cria condições para que o paciente possa tomar consciência de suas próprias ações, no processo de concretizar suas fantasias. Na verdade, MORENO (1983, p.114), posteriormente, distinguirá o *acting out irracional*, ou seja, fora do controle psicoterapêutico, do *acting out* no contexto do tratamento terapêutico.

NAFFAH, em seu livro *Psicodrama: Descolonizando o Imaginário* (1979), define assim a psicose:

É pois, nesta perspectiva que visualizamos a existência psicótica: definindo uma forma de ser que se constitui, desde o início, como não-ser; expressando uma corporeidade que jamais pode assumir-se como posição espontânea perante o mundo, pois que foi destinada a ser puro receptáculo e expressão de um drama coletivo, cujo tema é sua própria morte. A psicose teria, pois, seu núcleo constitutivo num corpo-negado, corpo-nadificado, corpo-reificado, corpo-propriedade, corpo-do-Outro. (p. 216)

GERALDO MASSARO (1990), psicodramatista, desenvolveu uma série de considerações para o tratamento do paciente psicótico em seu livro *Loucura: uma Proposta de Ação*, e relaciona doze invariantes de diversas teorias, uma vez que existem várias abordagens, cada uma com sua perspectiva para o entendimento da psicose, e uma proposta de ação para o tratamento. As invariantes são (p.111):

- alteração do contato com a realidade;
- uma visão dinâmica do delírio;
- alteração na relações com as pessoas;
- reconhecimento de uma influência do meio, principalmente dos pais, na estruturação do psiquismo patológico;
- presença de padrões patológicos de interação familiar correlacionáveis com o comportamento do psicótico;
- ocorrência de fortes aspectos simbióticos;
- ocorrência de exteriorização de conteúdos psíquicos;
- ocorrência de consideráveis cisões no ego;
- dificuldade de formação da subjetividade;
- alterações da temporalidade e do projeto de ser;
- ocorrência de fenômenos transferênciais;
- reconhecimento de que o processo psicoterápico com psicóticos tem características especiais.

Sua proposta de ação envolve as seguintes fases:

- vinculação;
- auto-questionamento;
- diferenciação do ego e de organização do psiquismo e do cotidiano;
- entrada na realidade;
- e, finalmente, ancoragem.

Para a abordagem psicodramática, a psicose está relacionada às dificuldades no início da matriz de identidade, quando ainda é incipiente a separação eu-tu (simbiose) que, dependendo do grau patológico do átomo social, fundamentalmente da mãe ou cuidador, comprometerá o desenvolvimento futuro do indivíduo, prejudicando sua identidade corporal e os limites entre o eu e o mundo.

FONSECA (1980) utiliza o conceito de “núcleos transferenciais ou psicóticos”, que seriam resoluções insatisfatórias de uma fase de desenvolvimento, que numa situação de estresse pode levar o indivíduo a “regredir”, ou seja, voltar a pautas de comportamentos anteriores diante das dificuldades no presente. Nesse sentido, o modelo utilizado para o entendimento da dinâmica do desenvolvimento da personalidade e de seu adoecer está ligado aos conceitos de fixação e regressão, sendo o primeiro o bloqueio, a estase do movimento evolutivo psicológico por elaboração deficiente e passagem insatisfatória pela fase da matriz, e o segundo, o retorno à situação anterior que foi elaborada de maneira insatisfatória e que, por isso, coloca o indivíduo numa situação ansiógena, de perigo iminente. A doença é entendida como núcleos, ou complexos que compõem a personalidade e que de alguma forma não puderam ser amadurecidos de maneira suficiente. Nessa visão, a personalidade é um conjunto dinâmico que possui áreas desenvolvidas e outras incipientes ou mesmo “caóticas”, que foram, ou não, desenvolvidas na matriz afetiva primária, na infância. Nessa perspectiva, todas as pessoas possuem núcleos psicóticos, em maior ou menor grau, podendo ou não ser ativados dependendo da sorte de situações que o indivíduo viva. Com o processo psicoterápico, busca-se uma rematrização, ou seja, criar condições para que o indivíduo possa elaborar os núcleos transferenciais (fixação ao passado), que são hábitos congelados, no aqui e agora da relação psicoterápica, e liberar a espontaneidade

promovendo ações espontâneas, ampliando dessa maneira sua capacidade de relacionamentos télicos e autotélico.

MORENO foi também inovador no que se refere ao tratamento de pacientes psicóticos, quando desenvolveu a técnica denominada *choque psicodramático*, que visa reconstituir a situação da doença no pós-surto. Relata ele (1974):

No tratamento de choque psicodramático, solicita-se a um paciente situar-se novamente em uma vivência alucinatória, para ele significativa, enquanto essa experiência está ainda viva em sua memória. Não se lhe pede que a descreva; ele deve representá-la e o faz. Assume com o corpo a mesma posição em que se encontrava e atua como o fez então. Pode escolher qualquer membro do público ou da equipe médica, para com ele reviver a situação alucinatória. Habitualmente o paciente mostra uma grande resistência ao ser reconduzido à vivência dolorosa de que acabou de se livrar. Deseja esquecer e não recordar. Apenas a sugestão já o assusta; mais ainda o verdadeiro estado alucinatório. Entretanto o psicodramatista encoraja o paciente a atuar, a mergulhar conscientemente no estado mórbido, a nele se perder, por mais que este, no momento, lhe pareça assustador, feio, irreal. De acordo com nossa experiência, esta prática é, freqüentemente o melhor caminho para proteger o paciente de uma recidiva e aumentar sua resistência contra a doença.

(p.136)

MORENO entende que com o choque psicodramático é possível estabelecer pontos de contato entre o delírio e a realidade, oferecendo ao paciente melhor controle sobre a crise, sabendo discriminar esses dois universos.

A PSICOSE PARA WINNICOTT

O modelo das patologias para WINNICOTT está relacionado às palavras maturação (amadurecimento) e dependência (1990, p.201). O ambiente é fundamental no período inicial do desenvolvimento e, gradativamente, se torna menos importante. WINNICOTT é enfático quando afirma que o ambiente não faz a criança crescer nem determina o sentido do crescimento “apenas” facilita o processo do amadurecer, do *continuar sendo*.

Afirma WINNICOTT (1990):

(...) a falha da provisão ambiental elementar básica inicial perturba os processos de maturação, ou evita que eles contribuam para o crescimento emocional da criança, e é esta falha do processo de maturação, integração etc. que constitui o estado de doença que chamamos de psicótico. (p.232)

Para ele, a psicose é uma doença que ocorre nas fases mais primitivas do desenvolvimento emocional, momento em que a provisão ambiental (mãe suficientemente boa) é fundamental para que a criança possa atingir as metas basais do amadurecimento -- de integração, personalização e as relações objetais.

Caso esse ambiente falhe, por não estar adaptado às necessidades singulares da criança, ocorrerá a dificuldade da criança em se constituir num si mesmo unitário, ocasionando uma série de distúrbios.

Nesse sentido, a psicose é uma falha ambiental no acontecer do amadurecer da criança no período de dependência máxima e compromete a realização das tarefas básicas mencionadas.

É interessante observar que as falhas ambientais não são tão objetivas, como se desse para saber, explicitamente, quando estão ocorrendo. É claro que existem casos de experiências traumáticas grosseiras, mas existe também a falha que ocorre num nível mais profundo da comunicação entre a mãe e o bebê e tende a se formar um padrão que se estabelece nessa comunicação fina, ou seja, Winnicott está apontando para o quadro psicopatológico da própria mãe, que não possibilita ao bebê um amadurecimento sadio.

Esse comprometimento (psicose) origina distúrbios do tipo: personalidades desintegradas; alterações na temporalidade; relação com o corpo de estranhamento ou de não pertencimento; sensação de irrealidade tanto de si mesmo quanto do ambiente; efeitos, esses, das falhas ambientais, uma vez que o bebê está na dependência absoluta do ambiente para poder se realizar (1990, p.211).

Na neurose, o ambiente é capaz de proporcionar à criança a constituição num si-mesmo integrado, e o sofrimento está relacionado às defesas organizadas ao redor das ansiedades ligadas ao complexo de Édipo (sexualidade).

Na psicose, como o bebê está num estado de dependência absoluta do ambiente, a maneira que ele tem de se defender de uma falha é interrompendo seu processo de amadurecimento. DIAS faz, a respeito, as seguintes considerações (1998):

Winnicott entende a psicose como uma organização contra a experiência traumática de uma agonia impensável, provocada pela falha do ambiente nos estágios iniciais do amadurecimento (deficiência ambiental) e que se constitui numa cisão resultante da interrupção do processo de amadurecimento. (p.230)

E sobre as agonias impensáveis diz:

(...) As agonias impensáveis são: retorno ao um estado de não-integração; cair para sempre; perda da residência no corpo: cisão psicossomática; perda do sentido de real; perda da capacidade para relacionar-se com objetos e o completo isolamento devido à inexistência de qualquer forma de comunicação. (p.259)

A psicose está relacionada a um esquema defensivo, que foi necessário devido à falha do ambiente, para que não haja o retorno à agonia impensável.

DIAS enumera, a partir das indicações de WINNICOTT num texto de 1962, quatro tipos de defesas primárias nas organizações defensivas psicóticas, que são:

- Defesa por invulnerabilidade;
- Defesa por intelecto cindido;
- Defesa por cisão entre verdadeiro e falso si-mesmo;
- Defesa por auto-desorganização ou desintegração. (1998, p.308)

WINNICOTT utiliza o conceito de *regressão*, como regressão à dependência, ou seja, é um movimento do indivíduo em direção a uma situação que houve um *congelamento* no seu processo de amadurecimento, em razão da falha do ambiente no momento de máxima dependência. Portanto, esse mo-

vimento de regressão é a expressão de parte da capacidade do paciente de se curar, de ter uma segunda chance, e representa uma certa esperança de que certos aspectos do ambiente que falharam possam ser revividos, dessa vez favorecendo a tendência inata ao amadurecimento. Cabe ao terapeuta acompanhar o indivíduo (sustentar o processo no tempo/*holding*) e criar um ambiente propício à criação de experiências (criatividade originária), e menos em tentar interpretar os sentimentos reprimidos inconscientes como se houvesse um ego suficientemente integrado e coeso.

Para finalizar, NAFFAH (2005), comentando sobre sua experiência no atendimento de pacientes *borderline* ou fronteiros, fala da contribuição de WINNICOTT da seguinte maneira:

(...) promover, via regressões sucessivas, a paulatina desconstrução da função defensiva do falso self, para que o verdadeiro self – a singularidade do analisando – possa emergir e ir tomando forma, relativizando o falso self e relegando-o à posição funcional de mediação com o mundo social. Esse é um processo eminentemente experiencial...
(p.13)

APONTAMENTOS DE UM EXERCÍCIO: ‘PSICODRAMA DE ADOLF HITLER’

Tem-se nesse protocolo de atendimento o paciente Karl, seu nome verdadeiro, procurando por MORENO (psiquiatra) e se apresentando como o verdadeiro *Adolf Hitler*, se queixando de que o outro havia lhe roubado tudo: o nome, o partido, o livro *Mein Kampf*, a inspiração, a energia etc.

MORENO no início fica surpreso, mas vai paulatinamente, se aquecendo para o atendimento. Quando sente que se tratava de um paciente em surto

psicótico, delirando, chama dois egos-auxiliares e propõe ao paciente irem até o teatro, para que o *Adolf Hitler* faça um pronunciamento.

É interessante acompanhar, pelo relato de MORENO, que o paciente está em surto delirante, todavia ele procura por MORENO para ajudá-lo, ou seja, em algum lugar desse paciente existe a saúde (procura por ajuda) e MORENO aproveita essa oportunidade e “entra” na realidade delirante de Karl e coloca dois egos-auxiliares para contracenar, já os apresentando como Sr. Goering e Sr. Goebbels, ambos do universo social de *Adolf Hitler* (papel delirante).

Se existe a doença, existe também a saúde, e foi deixando o paciente fluir em seu delírio, mas acompanhando-o, que Moreno delimitou o atendimento no *setting* (o palco psicodramático) para o tratamento:”– Senhores, dirigamo-nos todos para o teatro”(p.211).

Observa-se que, com a configuração do *setting* terapêutico, é criada a condição para o jogo, o brincar; entretanto, em razão de o paciente estar em surto, ou seja, mergulhado em seu mundo particular do delírio, o palco se torna um lugar para concretização desse mundo. Ainda não há espaço para o “como se”, a discriminação entre o mundo interno e externo é mínima, tudo é real do ponto de vista do paciente.

Em termos winnicottianos, houve por parte de MORENO um *holding*, uma sustentação da situação, para que o paciente pudesse permanecer na ilusão de onipotência (concretização) e poder fluir com seus objetos subjetivos, visto que ele foi ao palco para fazer um pronunciamento. Os egos-auxiliares foram apresentados como parte da fantasia do paciente e, de alguma forma, dando sustentação ao seu controle onipotente.

MORENO reflete que há casos em que o paciente está tão comprometido psiquicamente que é necessário um *mundo auxiliar*, para que ele possa ter a experiência de controle total para a satisfação de suas necessidades, para depois, no tempo, ir paulatinamente apresentando elementos da realidade externa.

Os egos-auxiliares estão a serviço do paciente, mas, monitorado pelo terapeuta, que acompanha seu desenvolvimento apresentando-lhe aquilo que necessita e no tempo adequado: “Portanto, o médico deveria seguir cuidadosamente as pistas apresentadas pelo protagonista. Deu-lhe completa autonomia de produção” (p.212).

Pode-se entender que autonomia de produção é permitir ao paciente o movimento da criatividade originária, do gesto espontâneo e, conseqüentemente, a produção de experiência que, após sucessivas repetições, dará sentido interno, ao paciente, de sua realidade singular e de sua posição frente ao mundo. Seguindo nessa linha, um pouco mais adiante MORENO fala: “os egos-auxiliares assumem deliberadamente o papel que o paciente precisa ou deseja que ele assuma”(p.212).

Essa sensibilidade, essa sintonia fina dos egos-auxiliares tem muito a ver com o que WINNICOTT denomina “preocupação materna primária”, que compreende a mãe estar devotada ao bebê para responder às suas necessidades, para que ele possa *continuar sendo* sem ter que se preocupar com a intrusão de aspectos da realidade externa, os quais ele ainda não está em condições de absorver.

Karl dá alguns passos à frente e faz um pronunciamento para o povo alemão, falando através de um sistema

de comunicação de massa... Conclui a primeira sessão com uma cena emocionante do túmulo de sua mãe, que havia perdido com a idade de dezoito anos. (p.212)

Tem-se, nesse trecho, a apresentação da técnica do *acting out*, desenvolvida por MORENO, que consiste em o paciente passar para o ato, no *setting* psicodramático, a concretização de suas fantasias, vivendo-as. Pode-se notar, já na primeira sessão, a mobilização afetiva e efetiva que essa técnica desencadeia, aliada à competência de MORENO, com as sucessões de cenas do paciente que acabam chegando a um núcleo conflitivo, a cena do túmulo de sua mãe quando esse tinha dezoito anos.

NAFFAH, na apresentação da edição brasileira desse livro, onde se encontra esse protocolo de atendimento, analisa da seguinte maneira esse trecho:

Poderíamos, pois, dizer que o delírio de Karl se formou por uma *passagem ao ato* de uma vivência de perda (a mãe), quando o suporte transferencial do ente perdido (a mulher) se fez ausente e, na solidão, seu luto eclodiu violento e não pôde se fazer *palavra* (nível simbólico). O delírio não é, pois, uma distorção do pensamento, uma aberração ou uma doença; é apenas a única forma possível de expressão de uma vivência, quando as outras malograram. O fato de a figura de Hitler ser a “escolhida” pelo delírio tem a ver com a época histórica (Segunda Guerra Mundial).(p.10)

O fato de o delírio cenificar o fenômeno do *espelho* remete-nos às relações primárias entre mãe-criança, relações marcadas pela simbiose, pela confusão de identidades e de desejos, universo de reflexos múltiplos que fundam o Imaginário. (p.11)

Pode-se entender que esse paciente ficou preso num mundo predominantemente do imaginário (subjetivo), e que em sua infância, nos primórdios de seu desenvolvimento emocional, o ambiente (mãe), por vários motivos, não foi suficientemente adequado às suas necessidades, para que ele pudesse fazer a passagem da ilusão de onipotência para a ilusão mitigada (crença em) e poder estar no mundo se relacionando criativamente com objetos externos e com potência relativa para a realização de si mesmo. Para essa falha do ambiente, que não permitiu essa passagem, ele busca, via delírio, uma potência (onipotente) com a imitação de Hitler, que era um modelo de homem forte da época. Ou seja, é o sentimento de impotência interna, de fragilidade, pela falha do ambiente num momento de dependência absoluta, que o faz ficar preso à onipotência do delírio e congelado nessa etapa de seu amadurecimento.

Como visto nos capítulos anteriores, tem-se em WINNICOTT as realidades subjetiva; intermediária (transicional); e objetiva ou compartilhada. MORENO, quando propõe ao paciente ir ao teatro, está configurando o palco como *setting*, aceita a realidade do delírio (subjetiva) e, ao mesmo tempo, apresenta elementos externos, via egos-auxiliares, para que Karl possa jogar com essas realidades, em seu tempo, e assimilá-las criativamente.

No final do processo do atendimento de Karl, tem-se a seguinte declaração: “Desde menino tenho um sonho: conquistar o mundo ou destruí-lo e imitei Hitler porque ele tentou fazer o mesmo” (p.217).

Para Karl (menino) a questão era radical, ou conquistava o mundo, ou destruí-o, ambas de maneira onipotente. Para ele, a experiência de existir estava ligada a de ficar preso, ficar submetido à realidade externa (psicanaliticamente: ao desejo da mãe). A maneira que encontrou foi tentar, via delírio,

controlar o mundo ou destruí-lo, imaginando com isso poder se libertar e exercer sua potência (criatividade).

Tem-se outra situação interessante quando Karl, no papel de *Hitler* (delirante), dá um tapa em Goering (ego-auxiliar) e acabam brigando literalmente:

Mas, certo dia, devido à relação de forte intimidade que estabelecera com eles na produção de sua vida interior, começou a mostrar-se mais chegado. Durante o intervalo de uma determinada sessão, disse a Goering: “O Goering, o que você achou da piada que contei hoje no palco?” E os dois riram juntos. De repente, porém, Hitler deu um tapa em Goering que foi revidado na mesma moeda. Passaram no ato a se engalfinhar numa luta corporal, no decorrer da qual Hitler levou a pior. Depois foram saborear juntos uma cerveja e daí em diante o gelo começou lentamente a derreter. (p 214)

Essa agressividade possibilitou que ele pudesse sentir a resistência de Goering e, de alguma forma, romper a onipotência de seu controle delirante, podendo se relacionar com os aspectos particulares da pessoa do ego-auxiliar (enfermeiro), passando de um contato menos transferencial para uma relação mais télica. Em WINNICOTT, tem-se, nesse caso, um exemplo claro do uso do objeto.

WINNICOTT (1975) fala dos movimentos iniciais do processo de amadurecimento, da seguinte maneira:

O postulado central dessa tese está em que, enquanto o sujeito não destrói o objeto subjetivo (material de projeção), a destruição surge e se torna característica central, na medida em que o

objeto é objetivamente percebido, tem autonomia e pertence à realidade “compartilhada”. (...)

Entende-se, geralmente, que o princípio de realidade envolve o indivíduo em raiva e destruição reativa, mas minha tese é a de que a destruição desempenha um papel na criação da realidade, colocando o objeto fora do eu (self). Para que isso aconteça, condições favoráveis se fazem necessárias.(p.126)

Nesse sentido, pode-se entender que somente quando Karl conseguiu destruir (transformar) o objeto subjetivo (Goering), é que ele pôde ter um contato com realidade de Herman, a pessoa do enfermeiro, e (ao usá-lo) se enriquecer com essa relação (p.214).

Uma mudança significativa ocorre quando *Hitler* pede para que lhe cortem o cabelo, enquanto estavam aguardando pela próxima sessão; esse pedido já demonstrava uma certa intimidade, pois desde que adoecera, era a primeira vez que iria permitir a alguém tocar em seu cabelo. Após o barbeiro cortar seu cabelo:

(...) De repente, Hitler olhou asperamente para o grupo, para mim (médico), e depois para o barbeiro. (Hitler): Tire isso daqui! (apontava para o seu bigode. O barbeiro começou imediatamente a ensaboar seu rosto, aplicou a navalha e tirou-lhe o bigode! Um silêncio bastante tenso pairava na platéia. Hitler ergueu-se da cadeira, apontando para seu rosto). (Hitler):Sumiu, sumiu, sumiu, acabou! (começando a choramingar) Eu o perdi, perdi! Por que foi que eu fiz isso? Não deveria ter feito isso! (p.215)

Era o início da mudança de *Hitler/Karl*, que o processo terapêutico possibilitara. A máscara, o papel delirante de Karl, já não era tão rígida e outros papéis ele poderia jogar liberando espontaneidade. De um olhar winnicottiano,

dir-se-ia que a defesa do falso *self* já não era tão necessária e que o contato com o verdadeiro *self*, bastante fragilizado, era experimentado.

Mais adiante tem-se a continuação da transformação do paciente:

Aos poucos foi se processando uma mudança; de sessão em sessão assistimos a transformações corporais e comportamentais – o olhar de seu rosto, seu sorriso, as palavras que pronunciava. Mas tarde ainda, solicitou que fosse chamado de “Karl”, não de “Adolf”.(p.215).

Na linguagem psicodramática, utilizada por FONSECA (1980), dir-se-ia que Karl conseguiu elaborar os núcleos transferenciais, fixados em comportamentos presos ao passado, podendo assim se movimentar, no aqui e agora, por ações espontâneas, jogando com os papéis e ampliando assim sua capacidade télica.

Da perspectiva winnicottiana, a defesa construída em virtude da falha do ambiente, o falso *self*, pôde ser desconstruída e o verdadeiro *self* emergir e continuar seu amadurecimento.

É importante ressaltar que nesse atendimento efetuado por MORENO, o processo foi conduzido em atuações e desenvolvimentos de cenas, não havendo interpretações de materiais reprimidos do inconsciente, até porque, para o psicodrama clássico não se busca a interpretação de conteúdos do inconsciente, mas propiciar ao indivíduo condições para que possa aumentar a percepção de si e dos outros (tele), através de encadeamentos de cenas (na psicanálise seria a associação livre de idéias) e da conseqüente liberação de espontaneidade criativa, para que ele possa dar uma nova resposta a um problema antigo, além é claro, do enriquecimento dos comentários do grupo.

Nesse aspecto, MORENO se aproxima de WINNICOTT quando fala que cabe ao terapeuta acompanhar o processo do paciente regredido (*holding*) e não em interpretar conteúdos.

MORENO, no protocolo, fala da importância da habilidade dos egos-auxiliares para o progresso do paciente e lança a hipótese das condições para a psicose desse paciente; diz:

Assumimos que, caso a mãe tivesse sido capaz de assumir o papel ou papéis exigidos oportunamente pelo paciente, este talvez não houvesse desenvolvido percepções distorcidas da feminilidade. O paciente pode ter-se tornado confuso devido à rigidez de sua mãe, à sua insensibilidade para com as pistas dadas pelo filho. (p.212)

Na perspectiva de WINNICOTT, essa mãe não foi suficientemente boa para sintonizar-se às necessidades do filho, tendo este que se haver com as falhas do ambiente (mãe), e se defender dessa intrusão comprometendo seu amadurecimento.

Para encerrar, crê-se pertinente reproduzir NAFFAH, na apresentação do livro em que se encontra esse protocolo, sobre o mérito de MORENO na sua criação do psicodrama para o tratamento de psicóticos. Diz ele sobre MORENO:

Sua inovação foi dupla: além de criar um novo método terapêutico para a loucura – pois é nessa área que a psicanálise mais mostra os seus limites –, conseguiu, através desse mesmo método, revelá-la não como fenômeno intrapsíquico, mas como explosão das contra-

dições inter-subjetivas cujo berço é a História. Se Karl consegue, desempenhando psicodramaticamente o papel de Hitler, romper a máscara e renunciar ao Poder imaginário; se a dramatização põe às claras, ao mesmo tempo, o seu destino histórico e o destino histórico do verdadeiro Hitler – não é curioso que o psicodrama tenha antecipado a futura morte do Führer? –, se, enfim, o desejo infantil de Karl de conquistar e destruir o mundo tem a ver com o que Hitler efetivamente realizou, isso significa que entre subjetividade e História, as relações são intrínsecas e essenciais. No final do processo, Karl dirá “Surpreendeu-me ver no grupo tantos outros ao meu lado que haviam tido o sonho de tornar-se Hitler. Isso me ajudou”.

Não seria, pois, demais exigir de Moreno, para além dessas intuições geniais, uma sistematicidade que nos desse a teoria pronta, acabada? (p.11)

5 FINAL DE UM PERCURSO

Saber que, quando falamos, não dizemos tudo é o sinal de que podemos suportar o luto dos primeiros objetos de amor, que somos capazes de nos saber incompletos, de reconhecer que não seremos compreendidos por todos e que não poderemos agradar a todos sempre que falarmos. Porque, cada vez que emitimos uma palavra e em detrimento de todas as outras, que não pronunciamos. E cada palavra evocada faz ressoar, vibrar, uma multidão de outras palavras.

LUCIEN ISRAEL

Da intenção de usar a experiência com o Psicodrama, para desenvolver suas idéias, e a possibilidade de aprofundar o entendimento teórico e o da prática clínica, até o contato com as idéias de WINNICOTT, foi-se afirmando, para mim, que MORENO e WINNICOTT tinham semelhanças e que seria possível fazer aproximações de alguns de seus conceitos; com isso, enriqueceria a prática clínica própria e, quiçá, de profissionais de psicoterapia. Em pesquisa, observou-se que outros profissionais também haviam percebido essas semelhanças, embora constato um número reduzido de publicações.

ANTON JOSÉ SCAVASSA, psicodramatista, apresenta texto intitulado *Locus Nascendi da Criatividade: Moreno e Winnicott*, no XII Congresso Brasileiro de Psicodrama, em 2000. SONIA THORSTENSEN apresenta para o curso de Psicodrama do Instituto *Sedes Sapientiae*, em 1988, o título de *Winnicott e o Psicodrama*. E, finalmente, no livro *Psicodrama com Crianças*, de 1988, a organizadora CAMILA SALLES GONÇALVES, em seu capítulo – “Psicodrama Analítico com Crianças”, faz referências a alguns conceitos de WINNICOTT para complementar ou ampliar os entendimentos do Psicodrama no atendimento de crianças.

A leitura desses textos confirmaram, e motivaram mais, a necessidade de aproximação dos dois autores, ainda que estando eles em campos teóricos diferentes. Não foi, também, encontrado nenhum texto ou livro, de

WINNICOTT ou de seus comentadores, fazendo referências às idéias de MORENO, nem mesmo em citações.

Foram privilegiados, então, os pontos de convergência ou de complementação, e não as divergências e as contradições.

Nesse percurso, percebeu-se que existe uma riqueza muito grande no Psicodrama, tanto na teoria quanto em sua técnica. Que MORENO foi ousado em suas descobertas com as diversas práticas de terapia de grupo e dos seus atendimentos inovadores para sua época – o caso do atendimento de Karl /*Adolf Hitler* é exemplo de uma maneira original de abordagem da psicose.

Percebeu-se, e crê-se também, que o desenvolvimento teórico ‘da matriz de identidade’, apresentado por MORENO e, posteriormente, ampliado por FONSECA (1980), fica mais esmiuçado, principalmente no início do desenvolvimento emocional anterior à fase da triangulação, se somado aos entendimentos de WINNICOTT sobre o desenvolvimento emocional primitivo individual, parte de sua teoria do amadurecimento pessoal.

Chamou a atenção, a contribuição de WINNICOTT referente à ‘dependência absoluta’ como o momento em que o bebê e a mãe são uma unidade – do ponto de vista do bebê –, a que Loparic, em aula na PUC, chamou de “dois em um”, não havendo a consciência por parte do bebê de que ele depende absolutamente dos cuidados maternos, e que, por isso, está absolutamente vulnerável às falhas que por ventura vierem a ocorrer nesses cuidados. WINNICOTT é enfático quando afirma que cabe a mãe, ou cuidador, propiciar as condições para que o bebê realize as tarefas básicas de: integração num si-mesmo; coesão psicossomática; e a apresentação da realidade externa, as relações de objeto. Se essas tarefas forem insatisfatórias o bebê ficará com

seu processo de amadurecimento comprometido de tal forma que a psicose será a forma dele se defender desse sofrimento, as agonias impensáveis.

Outra contribuição de WINNICOTT, para a ampliação dos conceitos de MORENO, foi o desenvolvimento dos 'processos da formação da ilusão de que a vida vale a pena ser vivida', e que esse sentimento se desenvolve inicialmente na relação bebê/mãe. Esse processo é sustentado pela mãe (*holding*) para que o bebê tenha a experiência de controle onipotente para depois ir paulatinamente desiludindo-o num ritmo particular no qual possa suportar e experimentar a realidade externa de uma maneira criativa.

No protocolo de atendimento de MORENO, o caso *Karl/Adolf Hitler*, foi apontado como, da perspectiva winnicottiana, o terapeuta sustenta, com sua previsão e confiabilidade (*holding*), o delírio do paciente, para ele possa em seu tempo encontrar o objeto subjetivo, que só é possível com a adaptação completa do terapeuta (egos-auxiliares) às necessidades do paciente. Essa adaptação ativa criará a ilusão de "que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar" (1975, p.27).

Essa é a base da crença no valor da vida, porque se estabeleceu de alguma forma uma relação entre a criação e a realidade externa. Tão importante quanto a ilusão é a desilusão, que são as frustrações que a realidade externa também proporciona. Mas o que é importante nessa passagem é como se dá esse processo, em que momento do amadurecimento o paciente (bebê) se encontra. Se isso não for feito de maneira gradual, no ritmo do paciente que é singular, essa passagem pode ficar comprometida e congelar o processo do amadurecimento.

A contribuição de WINNICOTT é, assim, o apontamento desse processo de transição da realidade interna para a realidade externa, que é gradual (e que talvez nunca se complete), e a existência de uma ‘realidade intermediária’, o espaço transicional, um lugar que o bebê possa viver a experiência do paradoxo, com a criação do objeto (criatividade originária) e, ao mesmo tempo, com a resistência do objeto externo, sem ter que definir se o objeto foi concebido ou encontrado. Isso dará lugar ao brincar, um espaço potencial para o exercício da criatividade e, ao mesmo tempo, de resistência do objeto externo; experiências cujo sentido, como diz Winnicott, “é o tráfegar constante na ilusão, uma repetida procura da interação entre a criatividade e aquilo que o mundo tem a oferecer” (1990 p.38). Essa sobreposição de áreas continuará na vida adulta, no que mais tarde é denominado de campo cultural (religião, artes etc.).

Essa parte, a que WINNICOTT se dedicou a desvendar, a transicionalidade e o brincar, foi o *leitmotiv*, no presente trabalho, da busca para aproximar esses dois teóricos. Isso porque MORENO tem como pilar de sua obra o teatro espontâneo, que é o exercício do improvisar, o brincar, que os psicodramatistas chamam de *jogar papéis*. Vale lembrar os parques de Viena, com a improvisação de estórias e a criação do teatro do improvisado, que se transformariam no teatro terapêutico – o Psicodrama.

O jogo para MORENO como para WINNICOTT, é autoterapêutico; na ação de jogar/brincar já ocorre o autotratamento, o que fará WINNICOTT afirmar que cabe ao psicoterapeuta trazer o paciente ao estado onde seja possível o brincar. “É no brincar e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação” (1975 p;79). Pode-se entender, nesse sentido, a máxima (paradoxal) de MORENO (1978,p.10): “*Seja espontâneo! Como: Brin-*

que!”. Até porque, espontaneidade em MORENO é sempre articulada com realidade (adequação), um campo de experimentação.

Confirma-se, ainda, que WINNICOTT complementa MORENO, quando aponta a importância da mãe suficientemente boa e de seu *holding* nesse processo, condições para que o gesto espontâneo (criatividade originária) se realize. Por sua vez, MORENO afirma que espontaneidade é inovação e adequação, entendendo-se que a inovação é fruto da criatividade e a adequação se relaciona aos cuidados conferidos pela mãe, isto é, o ambiente que sustentará com sua confiabilidade essa criação. É dessa interação entre criatividade e ambiente que se produzirá o campo da experiência e sua pessoalidade, seu caráter singular.

No protocolo de *Karl/Adolf Hitler*, percebe-se o paciente psicótico preso ao delírio onipotente, sendo esse delírio o contrário da espontaneidade, na acepção de MORENO, pois não comporta adequação, e o próprio MORENO (1983, p.213) diz no protocolo que faltou adequação dos cuidados da mãe na infância desse paciente, prejudicando-o em seu desenvolvimento.

Ainda nesse aspecto do brincar, entende-se que o Psicodrama, com todas suas ferramentas, duplo, espelho, inversão de identidade e outras técnicas, avança em relação à limitação do atendimento individual da psicanálise winnicottiana – por mais que o próprio WINNICOTT tenha inovado em relação ao *setting* do divã da psicanálise tradicional –, pois o palco com o diretor, os egos- auxiliares e o grupo criam condições mais amplas para a expressão do paciente psicótico, para que ele possa jogar/brincar, tanto corporalmente quanto verbalmente, tanto individualmente quanto em grupo. No caso de *Karl/Adolf Hitler*, foi todo esse ambiente, juntamente com a sensibilidade competente de Moreno, que criou as condições para sua recuperação.

Nesse percurso, constatou-se que WINNICOTT aprofundou a parte teórica do desenvolvimento primitivo emocional, e que MORENO ampliou, com o Psicodrama, as possibilidades técnicas para o tratamento da psicose.

Na Introdução desta Dissertação havia escrito que ficaria feliz se conseguisse juntar o vigor do Psicodrama com a delicadeza da Psicanálise winnicottiana; contudo, nessa trajetória, pôde-se entender e confirmar que tanto o primeiro quanto o segundo possuem vigores e delicadezas, e que, dependendo do prisma, um avança mais que o outro.

Acredita-se, ainda, e para finalizar, que seja possível ser psicodramatista e ao mesmo tempo utilizar uma lente winnicottiana, e vice-versa; foi o que se buscou desenvolver nesse percurso.

MW

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, D. D.** *Itinerários Da Loucura Em Território Dogon*. Rio De Janeiro:Ed. Fiocruz, 2004
- BLATNER, AD.;** **BLATNER, AL.** *Uma visão global do Psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1996.
- BLEICHMAR & BLEICHMAR.** *A Psicanálise depois de Freud*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- BOLLAS, C.** *A sombra do objeto*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- BUBER, M.** *Eu e Tu*. 2.ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- BUSTOS, D. M.** *Novos rumos em psicodrama*. São Paulo: Ática, 1992.
- CAILLOIS, R.** *Os jogos e os Homens*. Lisboa: Edições Cotovia. 1990
- CUKIER, R.** *Palavras de J. I. Moreno*. São Paulo: Ágora, 2002.
- DIAS, E. O.** *A teoria das psicoses em D. W. Winnicott*. São Paulo, 1998.Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- _____. *A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- FERREIRA, A.B.H.** *Novo Dicionário Aurélio Da Língua Portuguesa*. São Paulo: Positivo, 2004. Edição eletrônica.
- FILHO, L.M.A.S.** *Psicoterapia de Grupo com Psicóticos*. São Paulo: Lemos Editorial, 2000.
- FREIRE, J.B.** *O Jogo: Entre o Riso e o choro*. Campinas. SP: Autores Associados, 2002.
- FONSECA, J.** *Psicodrama da loucura*. 3. ed. São Paulo: Ágora, 1980.
- _____.*Psicoterapia da relação: Elementos do psicodrama contemporâneo*. São Paulo: Ágora, 2000.
- GOULART, B.D.** *A dialética da loucura*. Moreno à luz de Hegel. Taubaté -SP: Cabral Ed. Universitária,1998.
- HUIZINGA, J.** *Homo Ludens*. São Paulo: Editora Perspectiva 4ª ed. 1996
- ISRAEL, L.** *Mancar não é Pecado*. São Paulo: Editora Escuta, 1994
- KHAN, M.** Introdução. In: **WINNICOTT, D.W.** : DA PEDIATRIA À PSICANÁLISE, 2000.....
- KLAUTAU, P.** *Winnicott e Lacan – Encontros e desencontros*. São Paulo: Escuta, 2002.

- KNOBEL, A. M.** *Moreno em ato*. São Paulo: Ágora, 2004.
- LOPARIC, Z.** Winnicott: uma psicanálise não-edipiana. *Percurso*, Revista de Psicanálise da SPPA, ano IX, n.17, 1996
- MARINEAU, R. F.** *Jacob Levy Moreno - 1889-1974* São Paulo: Ágora, 1992.
- MARTIN, E. G.** *J.L.Moreno: psicologia do encontro*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1984.
- MASSARO, G.** *Loucura: uma proposta de ação*. São Paulo: Flumen Livreiros, 1990.
- _____. *Esboço para a teoria da Cena*. São Paulo: Ágora, 1996.
- MORENO J. L.** *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- _____. *El teatro de la espontaneidad*. Buenos Aires: Vancu, 1977.
- _____. *Psicodrama*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978
- _____. *Fundamentos do psicodrama*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1983.
- _____. *O Teatro da Espontaneidade*, São Paulo: Summus, 1984.
- _____. *As palavras do Pai*.Campinas: Editora Psy, 1992.
- _____. *Psychodrama & Group Psychotherapy*. Mclean-VA: American Society for Group Psychotherapy & Psychodrama, 1994. 1º v.
- _____. *Quem sobreviverá?* Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama. Goiânia: Dimensão, 1994.
- _____. *Autobiografia*.1.ed. Organização Luiz Cuschnir. São Paulo: Saraiva, 1997.
- _____. *Psicoterapia de grupo e psicodrama*. Campinas: Livro Pleno, 1999.
- NAFFAH NETO, A.** *Psicodrama: descolonizando o imaginário*.São Paulo: Brasiliense, 1979.
- _____. *Paixões e questões de um terapeuta*. São Paulo: Ágora, 1989.
- _____. *O inconsciente como potência subversiva*. São Paulo: Escuta, 1992.
- _____. *Outr'em-Mim*. São Paulo: Plexus, 1998.
- _____. *Winnicott: uma psicanálise da experiência humana em seu devir próprio*. São Paulo: [s.ed.], [s.d.]. Texto não publicado.
- OGDEN, T.** *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- PESSOA, F.** *Livro do Desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

- PETRINI, S. R. A. (Coord) *Rosa dos Ventos da Teoria do Psicodrama*. São Paulo: Ágora, 1994.
- SAFRA, G. *A face estética do self*. São Paulo: Unimarco, 1999.
- SALLES, C.G. (Org) *Psicodrama com Crianças*. São Paulo: Agora, 1988.
- SCAVASSA. A.P. *Locus Nascendi da Criatividade: Moreno e Winnicott*, [s.d.]. Texto não publicado.
- THORSTENSEN, S. *Winnicott e o Psicodrama. Curso de Psicodrama - do Instituto Sedes Sapientiae*, 1988.
- WEIL, P. Apresentação. In: MORENO, J. L. *Psicoterapia de grupo e psicodrama*. Campinas: Livro Pleno, 1999.
- WINNICOTT, D. W. *Explorações psicanalíticas D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1970.
- _____. *Playing and Reality*. England: Penguin Books, 1971
- _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- _____. *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- _____. *Privação e delinqüência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- _____. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- _____. *Gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- _____. *Da psiquiatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- _____. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- _____. *Holding e interpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. Donald W. Winnicott. In: Colección lo Inconsciente. [s.l.]: Editorial Trieb, [s.d.].

ANEXO

MORENO, J. L. *Fundamentos do Psicodrama*. 2.ed. São Paulo: Summus, 1983.p.209.

PSICODRAMA DE ADOLF HITLER

Produção Psicodramática

Cristos e Napoleões são corporificados freqüentemente pelos pacientes mentais, mas não me recordo de que algum pseudo-Hitler já tenha alguma vez sido relatado na literatura. Foi sorte minha ter tratado de um caso destes, no início da Segunda Guerra. A fim de ilustrar a teoria e a técnica do psicodrama, seguem-se alguns excertos especialmente selecionados deste caso.

Eu (médico) estou no meu consultório. A porta se abre, a enfermeira entra.

(E): Doutor, há um homem aí fora; ele quer vê-lo.

(M): Você sabe que não posso atender ninguém, porque já estou indo fazer uma sessão no teatro e os alunos estão esperando.

(E): Ele insiste que tem hora marcada e não quer dizer o seu nome.

(M): Tente descobrir quem ele é e o que deseja.

Enfermeira sai e retorna.

(E): Ele insiste que tem hora marcada com você, e não vai embora de jeito nenhum.

(M): Bom, faça-o entrar.

A porta se abre; entra um homem, tem quarenta e poucos anos. Olhamo-nos, nossos olhares se encontram. Ele me parece conhecido. Ele me encara desafiadoramente.

Homem: Você não sabe quem eu sou?

(M): Sinto muito, mas não sei.

(H): Bem (rispidamente) meu nome é Adolf Hitler.

O médico é tomado de surpresa; na verdade, o homem lembra mesmo o

personagem - o mesmo olhar hipnótico, o modo de pentear o cabelo, o bigode. O médico levanta-se da cadeira; (pensa) aquele homem tem a mesma postura corporal, realiza os mesmos gestos, fala com a mesma voz, penetrante e que dá arrepios.

(M): Claro, agora estou reconhecendo-o (O médico está agitado e incomodado, senta-se de novo e tenta ser tão formal quanto possível). Não gostaria de sentar-se, sr. Hitler?

Ele escolhe uma cadeira. O médico abre o livro de anotações.

(M): Seu primeiro nome, por favor?

(H): Mas você não sabe? Adolf!

(M): Ah, sim, Adolf Hitler. Onde o senhor mora?

(H): (surpreso e aborrecido) Em Berchtesgaden, claro.

(M): Em Berchtesgaden, claro. Mas por que foi que me procurou?

(H): Você não sabe? Ela não lhe contou?

(M): Quem?

(H): Minha esposa?

(M): Ah, sim, agora me lembro (Ele se recordou de que há não muito tempo atrás uma mulher havia procurado por ele; ela lhe falara a respeito do marido, dono de um açougue na 3ª Avenida; no centro de Yorkville. Atravessou como relâmpago em sua mente a recordação de que a mulher estava deprimida e chorava. Ela dissera: “Meu marido mudou; está doente; seu nome verdadeiro é Karl e agora ele chama a si mesmo Adolf. Acredita que é Hitler. Não sei o que fazer com ele. O médico a aconselhara: por que você não o faz vir ver-me?”).

Cerca de três meses haviam decorrido, e agora aqui estava ele.

(H): Há algo que você possa fazer por mim?

(M): Talvez, mas antes, diga-me o que aconteceu.

(H): Mas ela não lhe contou? (tornando-se novamente excitado). Eu organizei o partido para ele e ele me roubou o nome; eu escrevi *Mein Kampf* mas ele o roubou de mim! Estive preso por dois anos; ele roubou tudo que tenho, minha inspiração, meu poder mental, minha energia. Neste exato momento, tão certo como eu estar sentado aqui, ele rouba tudo de mim, a cada minuto. Aquele miserável! Eu não consigo detê-lo, talvez você possa (coloca a cabeça no ombro do médico e lamenta-se) Ah, me ajude, me ajude! Farei de você o chefe de todos os médicos do III Reich.

O Médico começa a sentir-se mais à vontade na situação, pega o telefone e fala com a enfermeira. Um momento depois, dois homens entram - um gordo e outro magro. O médico faz as apresentações.

(M): Sr. Goering, sr. Hitler; sr. Goebbels, sr. Hitler.

É notável como o homem (que, de agora em diante, chamaremos Adolf) os aceita sem perguntas, fica feliz ao vê-los e aperta-lhes as mãos (São dois enfermeiros treinados como egos auxiliares. Hitler parece conhece-los bem).

(m): Senhores, dirijamo-nos todos para o teatro. O Sr. Hitler deseja fazer um pronunciamento. (Os quatro dirigem-se para o teatro psicodramático. O Grupo de alunos está esperando).

A sessão inicial é crucial para o decurso do tratamento psicodramático. O médico tinha a pista dada pela esposa de Karl. Ela havia voltado para a casa após um breve período de férias e havia visto as paredes do apartamento cobertas com fotografias de Hitler.

Ao longo do dia, seu marido (Karl) havia se postado à frente de um espelho, tentando imitar o discurso de Hitler, o modo como falava e andava. Deixou de lado os negócios e arrumou um emprego como porteiro de um cinema, de tal modo que pudesse usar um uniforme e conseguir adeptos para a causa. Ele e a esposa não dormiam mais no mesmo quarto; agora ele tinha quarto separado. Ele não parecia mais ligar para ela. Ela lhe havia perguntado o que é que tudo aquilo queria dizer, mas isto só o deixara zangado. Teoricamente, isto teria sido uma pista excelente para o primeiro episódio, mas isto poderia ter arruinado toda a produção porque “nesse momento” sua esposa não tinha realidade para ele; falando em jargão psicodramático, ele não estava aquecido para este episódio. Mas estava intrigado com as pessoas que representavam Goering e Goebbels; portanto, o médico seguiu a pista dada pelo próprio paciente. Comparado com o psicodrama de Cristo exaustivamente planejado e preparado, ou mesmo com o psicodrama de Maria que alucinou João, este praticamente foi destituído de planejamento. Portanto, o médico deveria seguir cuidadosamente as pistas apresentadas pelo protagonista. Deu-lhe completa autonomia de produção.

Karl dá alguns passos à frente e faz um pronunciamento para o povo alemão, falando através de um sistema de comunicação de massa. Ele declara que é o Hitler real e que o outro é um impostor. O povo alemão deveria eliminar o impostor! Ele retornará triunfalmente à Alemanha, para recuperar a coroa. O grupo recebe sua proclamação com aplausos

espontâneos. Seguem-se rapidamente algumas cenas; Hitler retorna de bote à Alemanha. Convoca uma reunião de seu gabinete, planejando com seus ministros o futuro do III Reich. Conclui a primeira sessão com uma cena emocionante à beira do túmulo de sua mãe, que havia perdido com a idade de dezoito anos.

Os agentes terapêuticos cruciais são os egos auxiliares. São assistentes do terapeuta principal mas, ao mesmo tempo, estão intimamente relacionados ao mundo do paciente. Os egos auxiliares assumem deliberadamente o papel que o paciente precisa ou deseja que ele assumira. O êxito da intervenção depende de quão bem o terapeuta auxiliar seja capaz de encarnar a pessoa com a qual o paciente deseja encontrar-se. Se um ego auxiliar conseguir suprir as exigências do paciente – por exemplo, no papel de mãe, que é crucial no caso de Karl (Hitler, seu nome psicodramático)- este será estimulado a atuar dentro do papel complementar – de filho. A interação decorrente irá então recordar bastante bem a realidade interior do mundo do paciente, seja ela amorosa ou hostil. O protagonista vê aspectos diferentes de sua mãe, em várias ocasiões; portanto, é esperado que o ego auxiliar retrate, de certo modo, numa determinada ocasião e, mais tarde, novamente, dependendo da disposição atual do paciente ou de suas necessidades, tal como ele mesmo ou o terapeuta principal as indicam. O progresso do paciente poderá depender da habilidade do ego auxiliar para obter dele pistas essenciais e para rapidamente incorporá-las dentro da representação. Por exemplo, se a relação mãe-filho é problemática, o ego auxiliar deve conter dentro de si mesmo, em seu repertório, muito mais variedades de mães do que a verdadeira mãe do protagonista, a fim de que a encenação possa operar de forma corretiva. Assumimos que, caso a mãe tivesse sido capaz de assumir o papel ou papéis exigidos oportunamente pelo paciente, este talvez não houvesse desenvolvido percepções distorcidas da feminilidade. O paciente pode ter-se tornado confuso devido à rigidez de sua mãe, à sua insensibilidade para com as pistas dadas pelo filho. Devido à “ausência” de uma figura materna adequada em seu mundo mental, o paciente pode ter começado a projetar e a desenvolver uma substituta alucinada de sua mãe. Alucinações são papéis que poderão tornar-se requisitos indispensáveis dentro do mundo de determinados paciente. O ego auxiliar tenta tornar desnecessárias as alucinações do paciente ou enfraquecer o impacto das mesmas, na medida de uma figura materna aceitável. Se o ego auxiliar não for uma encarnação satisfatória da alucinação do paciente, este é solicitado a representar por si

mesmo sua alucinação; aí o ego auxiliar aprende, através de sua observação do paciente, repete a ação e incorpora aquilo que o paciente lhe demonstrou (reforçamento).

Durante muitas semanas, tivemos sessões com Hitler, realizadas a intervalos regulares. Fornecemos-lhe todos os personagens de que necessitava para pôr em operação seus planos de conquistar o mundo (técnica de auto-realização). Ele parecia conhecer tudo de antemão; muitas coisas que apresentou no palco chegaram muito perto daquilo que efetivamente se passou anos depois. Parecia ser dotado de uma sensibilidade especial para se enquadrar a temperamentos e decisões que eram tomadas a muitos mil quilômetros de distância. Na realidade, em certos momentos, especulávamos se lê, o paciente, não seria o verdadeiro Hitler e se o outro, na Alemanha, não seria seu duplo. Tínhamos a estranha sensação de que o Hitler verdadeiro estava conosco, trabalhando desesperadamente no sentido de encontrar uma solução para si mesmo. Muitas vezes o víamos sozinho com sua mãe ou sua namorada, explodindo em lágrimas, lutando como os astrólogos por uma resposta quando ficava em dúvida, orando a Deus por ajuda, ao se sentir muito só, batendo com a cabeça na parede, temendo ficar louco antes que conseguisse alcançar sua grande vitória. Em outros momentos, representava num estado de espírito profundamente desesperado pelos sentimentos de que havia fracassado e de que o Reich seria conquistado pelos inimigos . Num destes momentos, subiu ao palco e declarou que era chegado o momento de pôr fim à sua vida. Pediu que morressem com ele todos os líderes da Gestapo que lotavam a platéia – desde Goering, Goebbels, Ribbentrop, Hess, até o último homem. Ordenou que, para acompanhar a orgia fúnebre, fosse executada a música do *Gotterdammerung*. Atirou em si próprio na frente da audiência. Muitos anos mais tarde, quando o verdadeiro Hitler assassinou a esposa e se matou num abrigo em Berlim, eu (médico) lembrei-me da estranha coincidência de que o pobre açougueiro de Yorkville tivesse antecipado tão de perto o futuro da história mundial. Várias foram as vezes em que ele e eu ficamos sozinhos no palco, face a face, envolvidos em diálogos. “O que é que acontece comigo?” E dizia: “Será que esta tortura jamais terá um fim? É real ou é um sonho?” Estas conversas mais íntimas mostram-se de valor inigualável para o progresso da terapia. É o auge da produção psicodramática que são alcançados níveis raros de intensa reflexão.

A hospitalização não parecia indicada, pois sua esposa garantia uma supervisão excelente; ela empregou dois enfermeiros que representavam os papéis de Goering e

Goebbels. No começo, fora das sessões, ele se portava de modo muito distante enquanto estivesse na companhia de seus acompanhantes assíduos. Mas, certo dia, devido à relação de forte intimidade que estabelecera com eles na produção de sua vida interior, começou a mostrar-se mais chegado. Durante o intervalo de uma determinada sessão, disse a Goering: “O Goering, o que você achou da piada que contei hoje no palco?” E os dois riram juntos. De repente porém, Hitler deu um tapa em Goering que foi revidado na mesma moeda. Passaram no ato a se engalfinhar numa luta corporal, no decorrer da qual Hitler levou a pior. Depois foram saborear juntos uma cerveja e daí em diante o gelo começou lentamente a derreter.

Se for para o benefício do paciente, o contato e o ataque físicos – do abraço e do carinho até o empurrão e as batidas – são permitidos na terapia psicodramática. É óbvio que, nesta situação, deve-se praticar a mais extrema cautela para que os excessos sejam prevenidos, e para impedir os egos auxiliares de se prevalecerem do paciente a fim de satisfazer suas próprias necessidades. Cabe ao ego uma grande responsabilidade. É natural que o ego auxiliar no desempenho do papel de um pai brutal tenha que realmente bater no filho, não apenas “como se”, para poder provocar em seu filho respostas realmente de ação, expressivas de suas percepções e de seus sentimentos, em relação ao pai. É comum à lógica psicodramática que um soldado doente, de volta para sua casa, vindo da guerra, deva abraçar e acariciar sua mãe ou esposa auxiliar, no palco, se isto é o que ele iria fazer na vida real. Também compete à lógica psicodramática que, se um ego auxiliar assume o papel de um irmão mais velho que é subitamente atacado pelo paciente, deva acontecer um momento físico no palco, ou nos aposentos verdadeiros do paciente, se é aí que está se passando a sessão.

O resultado do contato físico entre Hitler e Goering foi ter Hitler permitido a seu ego chamá-lo pelo seu prenome – Adolf – e começar a chamá-lo Herman. Agiam como amigos do peito; o relacionamento entre ambos estava todo matizado de nuances homossexuais. A partir daí, Herman começou a aprender mais intimamente os pensamentos e sentimentos de Hitler. Começamos a nos valer deste relacionamento como guia terapêutico, pois desse momento em diante Hitler tornou-se capaz de aceitar correções feitas por Herman. Nossas produções de palco foram grandemente facilitadas na medida em que se obtinham indicações de como dirigi-las, as quais eram fornecidas pelo ego auxiliar (Herman).

A questão é que o terapeuta incapaz de estabelecer uma relação eficiente com o paciente não cooperativo, numa situação médico-paciente, pode ser capaz de produzir uma

relação desse tipo valendo-se do método psicodramático. Por exemplo, no caso de nosso pseudo-Hitler, que era extremamente não-cooperativo, foi possível aquecê-lo até que atingisse um nível comunicacional quando um ego auxiliar passou a representar o papel de Goering num episódio relevante em seu mundo psicótico. Assim que estabeleceu o relacionamento com o terapeuta auxiliar, no palco psicodramático, foi capaz posteriormente de desenvolver um relacionamento com a pessoa particular atrás do papel de Goering, pessoa esta que nada mais era do que um simples enfermeiro, com o qual começara espontaneamente a comunicar-se num nível realista. Esta foi a pedra angular do processo terapêutico.

Cerca de três meses após o início do tratamento, ocorreu um evento incomum. O grupo estava reunido no teatro, aguardando pela próxima sessão de Hitler. Goering aproximou-se de mim e disse: “Adolf que cortar o cabelo”.

(M): Então chame o barbeiro.

Esta era a primeira vez, desde que adoecera, que iria permitir a alguém tocar em seu cabelo. Veio o barbeiro, e cortou o cabelo de Adolf, de acordo com suas instruções; no palco. Quando a cerimônia foi concluída, o barbeiro começou a guardar seus pertences, aprontando-se para partir. De repente, Hitler olhou asperamente para o grupo, para mim (médico), e depois para o barbeiro.

(Hitler): Tire isto daqui! (apontava para seu bigode. O barbeiro começou imediatamente a ensaboar seu rosto, aplicou a navalha e tirou-lhe o bigode! Um silêncio bastante tenso pairava na platéia. Hitler ergue-se da cadeira, apontando para seu rosto).

(Hitler): Sumiu, sumiu, sumiu, acabou! (Começando a choramingar) Eu perdi, perdi! Por que foi que eu fiz isso? Não deveria ter feito isso!

Aos poucos foi se processando uma mudança; de sessão em sessão assistimos a transformações corporais e comportamentais – o olhar de seu rosto, seu sorriso, as palavras que pronunciava. Mais tarde ainda, solicitou que fosse chamado de “Karl”, não de “Adolf”. Pediu à esposa que comparecesse às sessões. Pela primeira vez em diversos meses, ele a beijou numa cena, no palco.

(estes episódios pertencem a um volumoso prontuário psicodramático, ilustrando o rápido quadro diagnóstico apresentado pelos protagonistas, muitas vezes no intervalo de uma única sessão).

O Paciente realizou uma boa recuperação social, tendo retornado à terra natal alguns anos mais tarde. Este caso ilustra a hipótese segundo a qual as técnicas de *acting out* são o tratamento de escolha para “síndromes de atuação”.

O Grupo

O ponto alto das sessões acima descritas foi a intensa participação do grupo. Quanto mais avançadas iam as sessões, mais nos dávamos conta de que o verdadeiro herói deste psicodrama foi à audiência.

Depois da segunda sessão, Hitler começou a se sentar na platéia, enquanto um dos membros do grupo tornou-se o centro de atrações e repulsas. Em alguns momentos, o grupo tornou-se envolvido na produção a tal ponto que todos os presentes, sem exceção, tomaram o partido de Hitler; em outros momentos, envolviam-se de forma negativa, reagindo à sua pessoa como se ele de fato fosse Hitler. Muitos episódios resultantes das interações foram atuados no palco, misturando os eventos do sonho de Hitler, com as realidades do grupo, Sociogramas e diagramas de papel, que eram comparados de sessão a sessão, mostraram que houve mais alguns Hitlers naquele grupo. Um panorama magnífico do mundo de nossa época emergiu para alívio geral, como se aprisionado no espelho em miniatura que era o grupo. Uma análise cuidadosa das respostas, bem como da produção, sugeriu que o Adolf Hitler real teria se beneficiado enormemente caso houvesse participado de sessões psicodramáticas durante sua adolescência; talvez a Segunda guerra Mundial pudesse ter sido evitada ou pelo menos poderia ter tomado rumo diverso. Num nível estrutural mais profundo, vimos as figuras familiares da vida de Hitler refletidas no relacionamento com figuras correspondentes da vida de cada membro do grupo. Porém, também vimos as figuras do mundo em geral – imperadores e reis, governantes de regimes autocráticos de nações, tais como Stalin e Mussolini, governantes de regimes livres tais como Roosevelt e Churchill – em meio à figura crucificada de Cristo, símbolo do sofrimento e do desespero. Depois vimos o João-ninguém, o soldado anônimo, as vítimas dos campos de concentração, os refugiados, um estudante negro do Harlem se identificando com rebeldes asiáticos e africanos, todas as nuances do amor e do ódio, dos preconceitos e da tolerância, sobrepondo-se ao drama com uma tal intensidade que o drama real e particular de Karl foi relegado a segundo plano. Quanto mais o próprio Karl participava daquele drama, mais aprendia a ver seu próprio mundo paranóico particular,

segundo a perspectiva do mundo maior que, inconscientemente, ele mesmo provocara. Ele nos apontou diversas pistas, sugerindo as forças dinâmicas que atuavam no desenvolvimento de sua síndrome mental.

Por que foi que ele quis torna-se Hitler? Certa vez ele disse: “Desde menininho tenho um sonho: conquistar o mundo ou destruí-lo e imitei Hitler porque ele tentou fazer o mesmo”. O que o auxiliou a recuperar-se de sua obsessão? Respondeu: “Surpreendi-me de ver no grupo tantas outras pessoas que, além de mim, tinham o sonho de tornar-se Hitler. Isso me ajudou”.

O psicodrama de Adolf Hitler tornou-se o psicossociodrama de nossa cultura toda, espelho do século vinte.